







Fios de Cultura: Explorando as associações culturais portuguesas

O GrETUA

vol. 1

ÍNDICE

p. 09	1. A HISTÓRIA
	1.1. Os Primeiro Anos de GrETUA
	1.2. GrETUA, um Espaço
	1.3. O Novo Milénio
	1.4. Outros Projetos GrETUA
	1.4.1. HERAS
	1.4.2. Ao Vidro
	1.4.3. ECOS
	1.4.4. Da Gruta
	1.4.5. Cursos e Oficinas
p. 63	2. O TEATRO E A FORMAÇÃO
	2.1. O Curso de Formação Teatral
	2.2. “Produção GrETUA”
	2.2.1. Uma Corda Para Cada Dedo
	2.2.2. Agatha
	2.2.3. Alice no País das Maravilhas
	2.2.4. A Peste
	2.2.5. Adão
	2.2.6. Desvão
	2.2.7. Ruínas
	2.2.8. Ossário
p. 109	3. A IDENTIDADE E A HERANÇA VISUAL
	3.1. GrETUA, Uma Identidade
	3.2. O Património Gráfico do GrETUA
	3.3. Arquivo Visual

O Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro é um espaço em transformação.

Criado em 1978, foi um grupo de teatro académico para os estudantes da recém-fundada Universidade de Aveiro. Foi um lugar de formação e descoberta artística, de promoção cultural e integração dos alunos da Universidade no contexto social envolvente.

Acolhe concertos, residências artísticas, teatro, dança, circuitos variados.

1.1. Os Primeiro Anos de GrETUA

1979, o começo

O meu nome é Bruno dos Reis. O “Pereira” normalmente escondendo, não porque não goste do meu pai, é apenas porque não gosto do nome. No geral, toda a minha família é de raízes muito humildes...

Eu comecei por estudar Licenciatura em Engenharia de Sistemas e Informática porque sempre fui um consumidor diletante de informação variada e acho que me interessei desde muito cedo pelo computador e pela informática. Também era natural àquele tempo porque Hollywood estava a descobrir o *hacking* e a sua respetiva subcultura “semi punk” e “semi anarquista”. Eu sempre fui muito impressionável (que acho que é uma qualidade) e acho que a paixão nasceu por aí e, portanto, acabei a seguir essa licenciatura. Apercebi-me muito rapidamente que não podia fazer daquilo a minha vida por inteiro e que o meu interesse estava mais centrado na área da Literatura e da Filosofia.

Enquanto lia de uma forma bastante casual pelos cafés de Aveiro (porque já tinha abandonado a Universidade do Minho), recebi um convite de uma das pessoas que mudou a minha vida, o Jorge Pedro Ferreira, que na altura trabalhava na restauração, servia às mesas num desses cafés. Recebi um convite dele para assistir a umas aulas de Filosofia na Universidade de Aveiro, lecionadas por outra das pessoas que acabaram por mudar a minha vida. Tinha um nome muito “pesado” ... chamava-se Carlos Henrique Escobar, um brasileiro que já estava em Portugal há algum tempo. Eu aceitei naturalmente o convite, com muito interesse. Achava que ia entrar num auditório com imensa gente e entrei... num aquário porque eram aulas extracurriculares. Era uma sala pequenina, completamente envidraçada, onde estavam duas pessoas; eu obviamente senti-me muito observado, muito exposto, então fui sentar-me num canto num banquinho. Ofereceram-me uma cadeira à mesa e eu respondi “Não, eu prefiro o banco”, ao que o professor me respondeu para eu “ter cuidado mesmo com as escolhas mais simples”. Perguntei porquê, naturalmente, e ele explicou-me que “o banco onde tu depositas o dinheiro, o seu nome vem especificamente desses bancos, dos bancos de sentar. Porque antigamente, ainda antes de existirem os Bancos instituições, as famílias que guardavam ou emprestavam dinheiro das outras famílias... a forma como eles o faziam era colocar um banco entre ambos os lados e esse banco tinha em cima uma lixa. Ao contarem as moedas de ouro



Bola de Neve, 1982
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

De 1980 a 1989

e de prata, contra o banco, lixavam-nas e, no final do dia, ficavam com o respetivo pó. Ou seja, o Banco, desde as suas origens, é um lugar que desvaloriza a moeda para seu benefício próprio”. E eu, como já achava que era muito inteligente (acho que sempre foi um defeito meu muito grande) perguntei se era História, verdade, ou era uma leitura marxista e ele respondeu-me “Eu não sei o que é que a História tem haver com a verdade, mas se eu for marxista é para que tu não tenhas de o ser”. Claro que segui todas as aulas desse homem a partir daquele momento, mesmo não tendo a inteira noção do que ele dizia.

Mais tarde matriculei-me na Universidade de Aveiro num curso que na altura ainda era pobre, era um curso novo, Línguas e Estudos Editoriais. Julgo que foi porque [apesar de] ter percebido que queria dedicar a minha vida à Literatura, tinha a noção de que precisaria de... sobreviver e, portanto, [escolhi] um curso ligado à Literatura, mas um que me fornecia [empregabilidade]. Nessa altura (julgo que em 2006) foi quando conheci o GrETUA.

O GrETUA de então era muito diferente, era talvez a expressão máxima (num bom sentido) daquilo que se julga ser um grupo... académico: era um grupo de pessoas que se juntava para se divertirem, fundamentalmente, e dedicava-se exclusivamente ao Teatro. Era um lugar muito precário, tínhamos de fazer “vaquinhas” para comprar parafusos para a cenografia. Mas foi onde conheci o Teatro em primeiro lugar, e depois em segundo lugar as pessoas que me fizeram apaixonar pelo Teatro.



Discurso Sobre a Cidade, 1983
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



As Aventuras de Ruzante, 1985
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Zoostory, 1986
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



A Fera, 1989
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



O Café. 1986
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

Os anos 90

Portanto, mais uma vez, tomei a decisão de mudar de percurso e decidi que a Literatura era insuficiente para mim e que queria dedicar-me à área mais específica das artes performativas.

Decidi seguir para Lisboa, porque Aveiro em 2007 ou 2008 era muito diferente do que em 2023, e se Aveiro em 2023 ainda tem várias lacunas no seu tecido cultural e formativo no domínio das artes, em 2008 era um deserto. Senti a necessidade de sair da cidade para viver uma vida plena a esse nível e ter uma formação mais completa. Convidei o Carlos Henrique Escobar para um café (uma coisa raríssima já que eu só conversava com ele nas aulas) para perceber se seria uma boa decisão – lembro-me curiosamente que nesse dia apareceu alguém (no mesmo café onde Jorge Pedro Ferreira me tinha encontrado) a pedir-nos dinheiro à mesa e o Escobar tirou um maço de notas do bolso, deu-mas para a mão e disse “dê a de menor valor; eu

não sei qual é”. Enfim, expliquei-lhe que tinha tomado a decisão de abandonar Aveiro e a Universidade de Aveiro para tentar seguir uma carreira no Teatro em Lisboa e ele, claro, disse-me “Bruno, não sei como descrever o que estou a sentir porque tenho muita pena e fico muito feliz ao mesmo tempo. Então, fico muito feliz pelos outros (a quem tu vais servir) e tenho muita pena por ti, porque vai ser uma vida muito difícil.”; e acho que foi nesse momento que eu percebi o que ele me tinha dito há muitos anos atrás.

Em Lisboa [a minha vida] foi miserável, não particularmente por estar a seguir Teatro (na realidade acabei por me envolver num curso de Cinema na Arco), mas porque é uma cidade que combina muito pouco comigo. Estive alguns anos periodicamente no Porto também, uma cidade muito rica, muito pulsante e que acho ser, apesar de tudo, muito mais humana. Por acaso, nesse período de tempo afastei-me um pouco do Teatro.

Quando quis voltar quis adaptar um livro, na realidade uma coleção de vários diários de Vaslav Nijinsky (um bailarino russo que terá falecido a meio do século passado, talvez, enlouqueceu muito cedo e passou parte da sua vida num manicómio). Antes de [ser internado] escreveu alguns diários e existe uma coleção dos mesmos chamada “Os Cadernos de Nijinsky” que eu quis adaptar para um espetáculo, embora nunca tivesse feito dança na vida. O Estaleiro Teatral aqui em Aveiro acolheu o espetáculo, gostaram muito dele e [acho que] teve muito sucesso. Acabei por ficar a trabalhar na Efémero durante alguns anos (dois anos, talvez três), até ao momento que a Efémero perdeu o apoio da DGArtes e que, coincidentemente, o GrETUA me convidou para dirigir um espetáculo. Não o queria fazer porque não queria trabalhar em espetáculos de teor... mais formativo, mais académico, e depois, em segundo lugar, mesmo não sendo tão precário como era em 2008, ainda não havia grandes condições – era uma *black box* com um palco consideravelmente deteriorado, material técnico ligeiramente deteriorado – não que isso não seja um oásis para muita gente, mas na altura eu queria fazer outras coisas, [talvez] por pretensiosismo ou porque tinha ideias de voltar a sair da cidade.

Acabei por aceitar (já não sei a razão...), as coisas correram bem e as sucessivas coordenações do GrETUA foram-me convidando para eu ir trabalhando em mais domínios. Primeiro começou por ser a coordenação e elaboração de um novo plano curricular (pois os cursos do GrETUA limitavam-se a um ou dois formadores no máximo e grupos muito pequenos), e mais tarde, por vontade da coordenação de então, julgo que dirigida pelo João Pantaleão, quiseram começar a... Talvez por influência não só minha como das pessoas que habitavam o GrETUA nesse momento, perceberam que na cidade de Aveiro, num deserto como Aveiro, um espaço que apesar de tudo tem quatro paredes e um teto é um privilégio e, portanto, como não se sentiam representados naquilo que eram as políticas para a cultura da Universidade de Aveiro e da cidade de Aveiro até então (porque em 2016 e 2017 o que era especialmente voltado para os jovens enquanto programa regular não existia) quiseram começar a organizar o mais que conseguissem fazer. Sentiram que precisavam da minha ajuda e numa primeira instância fui fazendo-o por amor a essa missão e a essas pessoas. Mais tarde, porque o trabalho se agigantou muito e muito rapidamente (talvez porque vivíamos numa região muito sequiosa desse trabalho) a Associação Académica, em 2018, decidiu convidar-me a fazer, de facto, a Direção Artística do Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro, de forma já contratualizada. Paralelamente, tenho vindo a ser convidado para fazer consultoria para algumas instituições, (a respetiva AAUAv, alguns Festivais de Música, etc.) e alguns projetos de domínio multidisciplinares – a maioria deles aqui em Aveiro, ou na região de Aveiro. O meu trabalho tem-se distanciado da encenação e da criação, passando mais pelo domínio da direção artística de outros projetos.



Crash, 1993
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Vernisage—Audiência—Petição
Fotografias do elenco para Folha de Sala da peça. Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Cabaret Cibernético, 1994
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Cabaret Cibernético, 1994
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

1.2. GrETUA, um Espaço

Foi em 92, se não me engano. No ano da peça da Alice. Eu não estava cá, aliás quando eu nasci o GrETUA tinha 5 anos, já. O que eu sei é que o GrETUA coabitava em diferentes lugares, chegou a ensaiar muitas vezes na Pizzarte, e aí sim, houve uma cave ao barulho (o Jorge [Castelhano] envolvia-se muito com a atividade do grupo). Também sei que a AAUAv estava numa cave perto da VIC e não sei se o GrETUA não terá também ensaiado lá. Os espetáculos que o GrETUA fazia eram em locais improvisados (por exemplo nas catacumbas da Universidade, em auditórios, ...), não havia um lugar fixo.

O GrETUA era, definitivamente, um dos grupos mais relevantes naquilo que era o panorama académico de então e, na realidade, muita gente do GrETUA (já nos finais dos anos 80–90) já trabalhava semi-profissionalmente ou profissionalmente, e continuava a envolver[-se] com o grupo. Não era uma situação virgem no território nacional no sentido em que havia também muita gente da Escola da Noite que estava, por exemplo, no CITAC [TEUC]. Na altura, também na década de 90, o que aconteceu foi haver algum apoio do governo e da Gulbenkian que [ajudou o salto do] teatro académico para equipamentos onde se poderiam “constituir” companhias. Essa questão do espaço é um pensamento muito caro àquilo que é uma companhia porque, por exemplo, lembro-me de ouvir o Vítor da Efêmero a dizer “Aquilo que matou a Efêmero foi termos conseguido este espaço” e apesar desta frase precisar de maior contextualização, eu percebo o que ele queria dizer: os coletivos quando têm um espaço acomodam-se criativamente a esse lugar, circulam menos, envolvem-se menos com o território, e isso cria alguma dormência. Mas também conheço companhias a quem isso não aconteceu.

Falando especificamente deste espaço, é claramente um lugar que condiciona positiva e negativamente o que é o GrETUA. Já possuíu diferentes formas e acredito que continuará a adquirir diferentes formatos... não sei o que será desta sala daqui a um ano sequer. Por um lado, condiciona positivamente o grupo porque lhe permite ter um lugar para trabalhar das 6:00 da manhã às 6h00 da manhã. É uma riqueza que já não existe [em muitos lugares]. Esta caixa negra é o que cada vez menos há em Portugal. É imensamente potenciador poderes utilizá-la como e quando queres. As salas municipais não permitem isso, não podes furar paredes, não podes furar o chão, não podes reconfigurar a teia se necessitares, e, portanto, a sua utilização é a de um teto e mais nada. A outros níveis, evidentemente, não é tão positivo, na medida em que temos uma teia baixa, um espaço que é a comprimento e não em largura (o que nos dificulta a adaptação a equipamentos municipais) e, portanto, a esse nível



Zoostory, 1986
Fotografia de ensaio. Arquivo GrETUA,
Universidade de Aveiro



Espaço GrETUA
Fotografia de ensaio. Arquivo GrETUA,
Universidade de Aveiro



Espaço GrETUA
Fotografia de ensaio. Arquivo GrETUA,
Universidade de Aveiro



Fábula das Fábulas, 1996
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Nunca Sempre, 1997
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Uma Cerveja No Inferno, 1997
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Amor de Fedra, 1999
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Amor de Fedra, 1999
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

el, possuí de facto algumas condicionantes negativas. Para não falar da questão da climatização e da acústica...

Agora, sem este lugar, o GrETUA não teria começado a programar concertos, espetáculos de dança, a acolher instalações, etc., [tudo isso] teria sido muito complicado. O que salvou muita gente em Aveiro, nos últimos anos, foi o GrETUA ter este espaço, este lugar. E quando digo “últimos anos” nem me refiro aos últimos 5 anos em que o GrETUA começou a “exportar” gente para área da produção, comunicação ou imagem para esses equipamentos municipais ou para diferentes companhias, refiro-me a pessoas como eu, como o meu irmão, como o João Veludo. Essas pessoas não teriam sido aquilo que são. E, portanto, julgo que um espaço não é a morte de um coletivo, pelo contrário, é a possibilidade da sua permanente nascença. É um lugar de onde partir, um lugar onde se pode agregar. Porque há um teto e as casas são importantes, por mais que queiramos viver “digitalmente” neste mundo — apesar de tudo, precisamos de um teto, de casa, de comunidade, de grupo. De outra forma [tudo isto] seria só construído circunstancialmente, e é por isso que acho que o modelo contemporâneo de companhia de teatro é a morte da sua criatividade e dos seus coletivos. Estão mortas (quase a maioria) à nascença, porque não têm lugar. Acho que é uma coisa muito feia dizer-se que a casa é a morte de alguém ou de alguma coisa, e discordo totalmente (com todo o respeito e menos perceção histórica) com o Vítor. Talvez no caso dele tenha dificultado alguma coisa, mas não acredito que isso seja um caso a ser generalizado.

Acho que o que falta são mais espaços como este. Quando ouvimos as companhias falar, a primeira coisa que dizem quando entram neste espaço é “Ah”, e é um espaço miserável, são quatro paredes pretas, uma bancada que serve de plateia e um teto; eles dizem “Ah”. Com grupos académicos é exatamente a mesma coisa, o que nos dizem é “Quem me dera ter um espaço como o que vocês têm.” e de facto acho que é profundamente essencial àquilo que é o território nacional. Repara, no GrETUA, este ano, assinei 11 declarações de acolhimento de espetáculos que estão a concorrer a pontuais, e conheço Municipais na Região que assinaram zero. Como é que não é importante um grupo ter um espaço? Esses acolhimentos vão influenciar imenso o grupo de pessoas que vão estar no GrETUA em 2024.



Adão, 2000
Fotografia elenco Adão. Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Espaço GrETUA, 2022
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



D. João e Julieta, 2004
Arquivo GrETUA,
Universidade de Aveiro

1.3. O Novo Milénio

Acho que sou um caso pouco comum porque quando escrevo já estou a desenhar a cenografia ou já a sei, e quando estou a desenhar a cenografia já estou a pensar o desenho de luz... e antes de começar a escrever já estou a ser conduzido por uma música que me está a levar para esse lugar. Portanto de certa maneira acabo por introduzir-me em trabalho que, à partida, seria de outras pessoas e, hoje em dia, existe cada vez mais a ideia de que esses trabalhos deveriam ser divididos, que é uma falta de respeito, que pessoas vão ficar sem trabalho – como se eu estivesse a acumular salários. Não sei muito bem funcionar assim, nunca soube, e não é a forma como consigo pensar.

A relação com o trabalho no GrETUA nunca foi pacífica de um ponto de vista interior, nunca me exigiram que fizesse menos, mas de certa maneira eu tenho de conseguir que seja um trabalho mais participativo do que a minha natureza me pede. Levou-me algum tempo a conseguir fazer as coisas de forma mais horizontal, mais participativa. Da mesma maneira, acho que há imensa formação no acompanhamento de alguma coisa, [e se essa relação] no início não era pacífica, agora é. Pelo menos em 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023, não tive mão na encenação dos respetivos espetáculos. Tive em alguns dos casos na cenografia, e acho que é importante para este grupo que isso aconteça, e que sejam estabelecidas relações de afinidade com outras pessoas, como é o caso do Luís Araújo, para poder haver um pensamento mais “plural” e não tanto [aquilo que é apenas] o meu. Tenho feito um grande esforço para evitar que a minha mão [se sinta], por muito que a escolha do encenador também passe por mim, para além da cenografia ou alguns apontamentos [em alguns casos]. Mas é ótimo que não seja a minha mão a pintar a parede inteira.

Relativamente a conseguimentos, acho que o “Putos no Telhado”, por alguns motivos muito particulares. Em primeiro lugar, porque não sendo o meu primeiro espetáculo num municipal (nem o do GrETUA) foi construído em tempo record, em três semanas, porque vínhamos da celebração do aniversário do GrETUA (com espetáculos todos os dias em várias partes da cidade) e imediatamente a seguir tivemos de começar a desenhar e a construir um espetáculo de raiz. Ainda por cima com uma cenografia gigantesca. Depois, é sempre um conseguimento encontrar uma sala de 600 pessoas, principalmente quando nem tens tempo para ter material de comunicação. Era simplesmente a tração que o GrETUA tinha naquela altura que permitiu que aquela sala enchesse. Isso é de uma riqueza imensa. Ao mesmo tempo foi um espetáculo que eu tive o meu irmão menos presente, não o primeiro, mas o primeiro com o GrETUA, e portanto era uma dificuldade acrescida para mim. O meu

irmão, mesmo quando assume menos o rosto nos espetáculos, está no gesto dele, está na sua elaboração e é a pessoa que mais faz direção de atores. E estes espetáculos, geralmente de cariz formativo, os atores necessitam de mais tempo e de mais trabalho, mais direção. Normalmente, a direção de atores que se faz acaba por ser um casting glorificado, porque estás a escolher determinados atores por causa de determinadas características, mas nestes grupos não podes propriamente escolher muito o que é o elenco, portanto a direção de atores leva horas e horas. E é o meu irmão que geralmente fica com esse processo quase todo.



Ministério dos Sonhos, 2005
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Ministério dos Sonhos, 2005
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Silêncio, 2006
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Auto do Aleatório, 2007

Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

2007, um ano de vitórias

Existe uma frase de Luís Sepúlveda que eu posso citar: “Há uma estranha e maravilhosa lei universal que parece sempre fazer os fodidos da vida encontrarem-se”

Nessa altura, circunstancialmente, juntou-se um grupo de pessoas no GrETUA muito especial. O Jorge Pedro Ferreira, de que já falei, eu, o meu irmão, a Sara Azulejo, o João Fino, o Tiago, o João Veludo, o Cristiano, etc., e foi um grupo muito profícuo, que coincidentemente reunia muitas afinidades a nível criativo. E isso é importante. E depois o Fino é uma pessoa muito... profícuo e uma pessoa muito insatisfeita de forma permanente, e, portanto, conseguiu tornar muita gente muito criativa, mas pouco produtiva... conseguiu torná-los produtivos, motivá-los. Como o território nacional, ao nível daquilo que era o teatro académico, era um pouco pobre (lamento dizê-lo), foi muito fácil obtermos alguma distinção. Ao longo de 2 anos vivemos para aquilo, de forma muito intensa. Trabalhamos muito intensamente para aquilo. E, portanto, julgo que foi por isso que recebemos tantos prémios.

O GrETUA nessa altura ainda realizava espetáculos que circulavam, ainda era possível fazê-lo nessa altura porque o grupo vivia para uma produção por ano, e, portanto, havia muito tempo para a preparar e circular com ela.

De certa maneira o Fino acabou por ser uma pessoa muito importante para mim. Não só criativamente (porque discutíamos muito e acho que aprendemos sempre muito um com o outro) mas por outro aspeto essencial, foi uma figura essencial por outro motivo. Eu lembro-me bem disto (porque apesar de trabalharmos todos razoavelmente muito para aquilo que é o paradigma de um estudante universitário que se envolve num grupo de teatro), nós saíamos daqui às 2h00 da manhã e o Fino ficava e quando chegávamos às 10h ele já cá estava. Ora, quando eu voltei ao GrETUA em 2015 acho que houve alguma coisa em mim que disse que eu devia ser para essas pessoas o que o Fino foi para mim. Lembro-me de muitas vezes, as pessoas abandonarem os ensaios à 1h da manhã e eu ficar, porque havia o que tinha de ser feito. Além disso, acreditava genuinamente que comportamento gera comportamento e que, portanto, isso seria importante para essas pessoas. Tenho a certeza absoluta de que se nunca tivesse tido esse exemplo do Fino nunca me teria transformado nessa pessoa.

O Fino (da mesma forma que o Escobar antes) ensinou-me que a maravilha dos outros depende do nosso sofrimento, esforço e sacrifício. E enquanto o Escobar me ensinou na teoria, o Fino ensinou-me na prática. Uma vez, encontrou-me no Mercado



Auto do Aleatório, 2007

Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Os Feios, 2008

Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

Negro a ler um livro, e eu lembro-me dele me dizer “Miúdo, olha que a vida não está nos livros” e de eu lhe responder que primeiro era preciso lê-los a todos para aprender isso. Nós discutíamos muitas vezes isso, que eu era demasiado teórico e pensava demasiado nas coisas e que ele passava à prática demasiado facilmente.

Se esse período não tivesse sido tão belo, eu não teria abandonado a literatura e não estaria aqui hoje. É com muito carinho que olho para esses anos (2006 a 2008).

De 2007 a 2013

Em 2006–2007 quando me comecei a envolver com o GrETUA comecei também a envolver-me com a Efêmero, mas era uma relação de espectador. Tive momentos muito felizes na Efêmero, agradeço muito o Vítor ter depositado em mim a confiança que depositou, e também agradeço alguma paciência. Aprendi imenso com ele, portanto a Efêmero foi importante para mim. Ainda existe um índice de valor significativo do papel que o Estaleiro Teatral tem – apesar da Efêmero, de momento, fazer apenas um espetáculo por ano, através do “curso de teatro amador” (que para mim é uma coisa estranha... o nome não o respetivo curso). Enquanto espaço, acho que a Efêmero [o Estaleiro] ainda serve de lugar de apresentação de muitas escolas como a Start-teatro. Ainda existe esse papel, e é importante para a existência dessas estruturas e que existam esses lugares de apresentação. Tirando isso, assim como eu achava que era um desperdício gigante numa cidade frágil a nível cultural haver um espaço como o GrETUA que era só ocupado 10% ou 20% do seu dia (isto em 2015 quando eu o conheci), com tanta gente a precisar de palco.... Faço a mesma reflexão sobre aquele lugar, como há vários pelo país fora. Como é que há tanta gente a precisar de palco e a precisar de lugar onde criar e há lugar para elas que não pode ser utilizado? É a única questão que eu tenho. Eu sou a prova viva que aquele lugar é necessário para

as pessoas, se eu não tivesse passado por aquele lugar; eu não estaria aqui. Eu percebo, somos uma raça muito... proprietária, mas nem sequer sugiro que o Estaleiro deve deixar de pertencer à Efêmero, nada disso, foi esse ela que o edificou. E quem diz a Efêmero diz outras companhias e estruturas pelo país fora, porque existem imensas que deviam repensar o seu lugar a partir da perspetiva de quando tinham 18 ou 19 anos. O meu único problema, apesar de todo o amor que [lhe] tenho e todo o agradecimento que faço, é o desperdício a que se veta, quanto há tanta gente que precisa de ser salva.

2014, o período de mudanças

Refletindo sobre o ano de 2014, é importante informar que não se tratou de um ano desabitado. Pelo contrário, eu julgo que esse ano foi consideravelmente... habitado. O que aconteceu foi um vazio na sucessão e de facto o GrETUA passou por um período que não existia continuação para o grupo. Esteve perto de se extinguir. Aliás, penso que era um objetivo da Associação Académica de então extinguir o GrETUA, até pelo interesse que havia no espaço em si, mas como este estava incondicionalmente ligado ao núcleo do GrETUA, mais a vontade do reitor de então, o Manuel Assunção, de não perder o Grupo, [houve uma tentativa para que ele se mantivesse]. E, penso, foi numa Assembleia de Alunos que o João Pantaleão e o Tiago Lopes Francisco se juntaram a algumas pessoas [que transitavam] do ano anterior, e conseguiram formar um grupo para assumir a coordenação. Mas nesse ano (2015) só encenei um espetáculo — só a partir de 2016 é que comecei a coordenar o Curso de Formação Teatral. Em 2017 comecei a fazer consultoria para algumas atividades aqui do espaço e em 2018 foi oficializado esse cargo (a Direção Artística).

A direção de 2015 teve uma vantagem grande, que foi acharem que sabiam pouco. Normalmente nestes projetos de teor voluntário e académico o perigo é quando os seus constituintes acham que sabem muito ou tudo, e digo isto pela memória como o João Pantaleão falou comigo, comparando com a forma como as antigas coordenações me tinham falado. Sempre foi muito humilde. Procuraram sempre imenso feedback de pessoas que estavam na área.



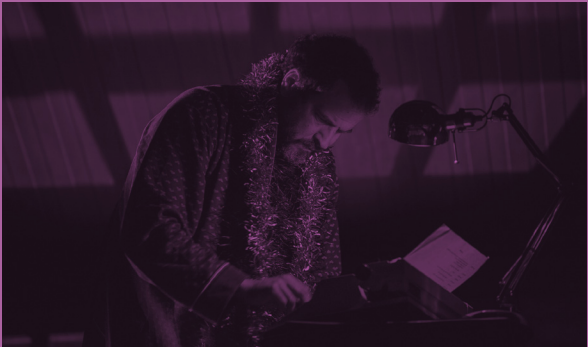
O Cais, 2016
Fotografia por Carlos Teixeira



O Cais, 2016
Fotografia por Carlos Teixeira



Peignoir, 2018
Fotografia por Teresa Queirós





Carta Aberta Aos Meus Papás, 2019
Fotografia por Joana Magalhães



Carta Aberta Aos Meus Papás, 2019
Fotografia por Joana Magalhães

A nova década

Aprender a fazer direção artística. É uma coisa muito vaga... porque a direção artística de um equipamento é muito diferente da direção artística de um espetáculo, ou da direção de uma equipa de pessoas que está encarregue de comunicação de um espetáculo, etc., ou seja, um diretor artístico de uma equipa de design tem uma função muito diferente da minha e, portanto, foi e ainda é um processo de aprendizagem. Sobretudo porque como disse, eu tenho uma visão muito particular e muito própria... e é muito difícil não interferir ou interferir o mínimo possível. Inicialmente, era muito complicado não estar a fazer micromanaging de tudo, sobretudo por estar a trabalhar com pessoas que não tinham preparação suficiente para o cargo que estavam a exercer, ou não tinham “bagagem” nem experiência profissional... se me perguntas que conquistas, então terá sido essa, terá sido eu mesmo.



Retrovisor, 2020
Fotografia por João Nunes



Concerto David Bruno, 2020
Fotografia por Joana Magalhães

Agora... a outros níveis, acho que tem sido aproximar (ou tentar que) Aveiro seja uma cidade menos anacrónica nas suas práticas e na sua forma de fruir a arte e a cultura. Evidentemente, terá sido uma conquista também. E acho que o modelo de funcionamento do GrETUA, que foi uma coisa muito discutida com as diferentes coordenações. Ter-se conseguido chegar a esta forma (que ainda não é a ideal e nunca será), que é muito impressionante para mim. Dar-me conta, por vezes, que as coisas simplesmente aparecem bem feitas e que, algumas delas, estão cheias de gestualidade autoral de quem as realizou. Desde as coisas mais simples, em pequenas notas para a bilheteira, às coisas mais elaboradas, como a Imagem Gráfica de um trimestre, alguns copy que vão surgindo, situações que são resolvidas pela produção sem me chegarem sequer às mãos... etc. É uma conquista gigante, que nem sei se é da natureza da Direção Artística. Acho que é outra coisa. Essa será a verdadeira conquista.

Este GrETUA, este formato, ainda depende da minha pessoa e ainda não tem bases ao nível da sua sustentabilidade financeira que não dependam de mim. Não sou eu que suporto financeiramente o GrETUA, mas é um trabalho continuado de anos que [está perto de o permitir] e eu gostava de ver o GrETUA realizado nesse sentido. Ter fôlego para continuar, ter margem para poder errar.

Depois...já reconstruímos tudo aqui dentro menos o teto, e, portanto...

Agora, se estou farto... estou farto da mesma maneira como uma mãe, ou um pai, ou um irmão, ou um filho está farto dos seus semelhantes. Estou muito farto, mas amo-vos muito: por vezes há situações limite de maior tensão, porque é um equipamento cultural [onde há] sempre [quem esteja] a entrar e a sair.

A natureza das artes, da sua produção... é resolver problemas e estar permanentemente atento, e a gestão de equipas é muito complicada, sobretudo com tanta gente a pensar e sentir de forma diferente, e que têm de ser articuladas de uma forma saudável... e se isso já cansa muito num espaço em que as pessoas estão capacitadas para o trabalho que estão a fazer e têm a recompensa financeira para lá estar... [neste é ainda mais] cansativo. Cada vez que uma pessoa me diz que vai para o Porto (ou porque encontrou um trabalho ou foi contratado para outro, ou porque não tem dinheiro para ficar cá, ou porque Aveiro não tem atividade suficiente para ela) é sempre muito árduo, porque essa pessoa estava a fazer um papel de mediação ou de produção que terá de ser ocupado por outras pessoas. Estar farto é estar cansado dessa necessidade constante de formação e de ter [que encontrar] espaço para isso. Porque não é uma aula... é perceber as dificuldades dessa pessoa, perceber como podes criticar o seu trabalho de forma diferente, perceber se tenho tempo... Ter de o fazer de uma forma constante é, por vezes, desgastante.

Gravação do Ruínas, 2021
Fotografia por Pedro Sottomayor



Porta a Porta
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

O “Porta a Porta” é uma iniciativa de solidariedade promovida pelo GrETUA na tentativa de atenuar as dificuldades sentidas pelas medidas de prevenção contra o COVID-19, disponibilizando-se um grupo de membros para fazer compras a quem não puder sair de casa por motivos de quarentena e/ou risco. Esta iniciativa destina-se aos mais velhos, aos doentes, e a pessoas que, por motivos de doença crónica, pertençam ao grupo de risco.





Ossário, 2022
Fotografia por Joana Magalhães

Na Relva Esfola Menos, 2022
Fotografia por Maria Inês Almeida



2021, o novo recomeço

Eu gostaria que o GrETUA viesse a ser aquilo que toda a gente que já passou [por cá] sonhou para ele. Mas é, evidentemente, impossível, porque todos nós, felizmente, temos as nossas cabeças... e espero que pensemos por elas. Portanto espero, fundamentalmente, que venha a ser aquilo que é: sem mim. Uma estrutura muito particular e peculiar de cariz quase exemplar para muita gente que trabalha na área da cultura; que seja um lugar onde jovens passam a conhecer Aveiro, venham para Aveiro e não queiram sair de Aveiro; que seja um lugar que consiga descobrir nesses jovens os lugares que eles já eram e não sabiam, que os capacite e lhes mostre muita maravilha; mas que seja também o lugar onde possam oferecer o seu sacrifício – que desfrutem dessa maravilha, mas que o consigam sem ser por influências externas, nem influências políticas. Mas, sobretudo, que possa ser tudo isso sem a minha presença. Seria o que eu gostaria, mesmo.

Expectativas... tenho a expectativa de vermos a nossa situação financeira resolvida, a nossa situação legal resolvida, termos as obras concluídas, e de darmos um ótimo passo em direção a um espaço sólido, a uma ideia solidificada com futuro. São as minhas expectativas pelo menos a curto prazo. Uma vez disse ao Paulo Jorge Ferreira, o reitor da nossa universidade, que o cariz destes projetos é o de saber deixá-los com o dobro do tamanho do que quando os recebemos. Acho que já vamos em algumas medidas de grandeza superiores. Acho que a curto prazo será isso, e a longo prazo alguém irá sonhar muito melhor do que eu.

1.4. Outros Projetos GrETUA

Consultem o território nacional: há estruturas maravilhosas de cariz voluntário e algumas de cariz académico até, mas uma estrutura que produza tanto, [por vezes] mais do que vários equipamentos municipais pelo país fora, e sem orçamento afeto nenhum exceto o meu cargo, trabalhando apenas em regime de voluntariado e com pessoas que não tiveram formação específica para esse domínio... não existe. Agora... a riqueza disto não é produzir espetáculos, não é trazer mais espetáculos a Aveiro, não é a iluminação nos concertos: a riqueza é ver quantas pessoas encontraram o seu caminho aqui; ou quem não conhecia sequer a Universidade de Aveiro e vieram para cá por conhecerem o GrETUA. A riqueza é a quantidade de vidas que o GrETUA vai mudando e que vai ajudando a mudar. Para mim, o GrETUA é um grupo de pessoas que, intuitivamente, consegue compreender a maravilha que são os outros. Para além disso, [a riqueza é] ter a quantidade de formação que o GrETUA tem, os cursos que o GrETUA tem, o próprio modelo do GrETUA que é um modelo de formação porque ninguém sabe fazer nada à partida... No fundo é um equipamento de excelência bem maior que um Municipal. [Reparem que] Nunca houve uma falha grave de produção, nunca foi um espetáculo cancelado, pelo menos desde 2017, nunca houve uma falha técnica que o exigisse, é... surreal.

Espaço GrETUA, 2023
Fotografia por Pedro Sottomayor



1.4.1. HERAS

«Heras» é fruto de um olhar sobre a cidade enquanto um nexo de relações fundamentalmente afetivas, estabelecidas através daquilo que temos por cultura. Esta iniciativa procura, deste modo, fortalecer a relação de proximidade com o público, reorientando a fruição cultural e artística para uma experiência que deve ser sempre, acima de tudo, emotiva.

Numa época em que a experiência das Artes do Espectáculo tem sido afastada dos seus contextos tradicionais, «Heras» propõe que voltemos à raiz da sua natureza: o encontro com o próximo, o diálogo e a comunidade.

Assim, alguns dos artistas que farão parte da programação do GrETUA e do Teatro Aveirense, farão pequenas apresentações em casas particulares, na véspera do seu espectáculo em cena.

O jantar, o convívio e os convidados ficam ao encargo dos anfitriões, que tanto podem escolher passar um serão a sós com os artistas, como convidar a sua família ou os seus amigos mais próximos. Ainda no âmbito desta rubrica, os habitantes da cidade poderão também constituir-se enquanto extensão da habitual galeria “Ao Vidro” (parte da programação do GrETUA desde o final de 2019), tendo expostas obras de arte nas suas janelas. Farão, assim, parte da criação de novos percursos e de novas leituras numa cidade que, apesar de já se conhecer tão bem, desejamos sempre que se conheça melhor.



Santi Lesca, HERAS, 2021
Fotografia por João Nunes



Larissa Conforto, HERAS, 2022
Fotografia por Leonardo Patrício



Francisca Sousa, HERAS, 2022
Fotografia por João Nunes

1.4.2. Ao Vidro

Ao Vidro é uma galeria voltada para o espaço público, como uma montra. Pretendendo oferecer-se não só a quem a procura como a quem a descobre acidentalmente, está disponível todos os dias da semana e a todas horas do dia, em três locais distintos: na Rua Calouste Gulbenkian, no.º 26, junto ao GrETUA; ao vidro da Biblioteca da Universidade de Aveiro; e no website em construção do GrETUA em gretua.pt

Joana Mosi (1994) é autora de banda desenhada e educadora. Licenciada em Pintura (FBAUL), Mestre em Desenvolvimento de Projecto Cinematográfico (ESTC). Das suas obras em banda desenhada destacam-se Nem Todos os Cactos têm Picos (2017, Polvo), Both Sides Now (2020, Ao Norte), My Best Friend Lara (2021, auto-edição) ou Everything’s Gonna Be Okay (2020), conto incluído na antologia internacional Kus. Colabora recorrentemente com iniciativas culturais e educativas, entres as quais o PNL e os projectos internacionais ReadON e Comics for Education. É formadora de Banda Desenhada na Nextart, e coordenou o curso de Concept Art, na ETIC, até 2019.

Bruno Borges experimenta histórias com formas desenhadas e gosta de fazer desenhos que formam histórias nas cabeças dos outros. Não faz isso por mal, foi sempre assim. Membro fundador do pasquim satírico pró-lírico Buraco e parte integrante da Oficina Arara, é ainda criador e principal responsável do selo editorial O Gorila. Entre publicações avulsas em projectos colectivos mais ou menos avariados, é autor dos livros de Banda Desenhada “A Abolição do trabalho” – com adaptação do texto original de Bob Black – e “Diários do Corona”.



Joana Mosi, Ao Vidro, 2021
Janela do Escritório do GrETUA. Fotografia
por Ivo Martins



Joana Mosi, Ao Vidro, 2021
Janela da X & Records.
Fotografia por Ivo Martins



Bruno Borges, Ao Vidro, 2022
Janela da Antiqualha. Fotografia por
João Nunes



Bruno Borges, Ao Vidro, 2022
Janelas do Departamento de Comunicação e Arte, UA.
Fotografia por João Nunes



ECOS_1 com João Pais Filipe, Carminda Soares e Maria R. Soares
Fotografia por Joana Magalhães

1.4.3. ECOS

Com epicentro em Aveiro, o ECOS_ Encontros de Criação para Online Streaming promove a criação artística para os palcos digitais. A iniciativa consiste num ciclo de vídeos pensados para as plataformas digitais, com criações originais encomendadas a artistas de várias áreas.

O primeiro, ainda em formato piloto, tem como protagonistas o músico João Pais Filipe e duas intérpretes da área da dança, Maria R. Soares e Carminda Soares, com realização a cargo de Nuno Barbosa.



ECOS_ 3 com João Garcia Neto, Lígia Soares e Mickaël de Oliveira
Frame do vídeo de João Neto

Esta terceira edição é um projecto co-criado por João Garcia Neto, Lígia Soares e Mickaël de Oliveira. Esta edição convoca reinos tão diferentes quanto o universo teatral e o universo espírita para estabelecer relações entre as diferentes práticas de cena e as mediúnicas, levantando questões relativas à inspiração, autoria e interpretação, entre muitas outras.

Esta terceira edição é um projecto co-criado por João Garcia Neto, Lígia Soares e Mickaël de Oliveira. Ao contrário das edições anteriores, que apenas aproximaram a criação audiovisual das áreas da música e da dança, esta edição convoca reinos tão diferentes quanto o universo teatral e o universo espírita para estabelecer relações entre as diferentes práticas de cena e as mediúnicas, levantando questões relativas à inspiração, autoria e interpretação, entre muitas outras. A título excepcional ainda, contámos com o apoio do Colectivo 84.



Da Gruta com Tota Alves, 11 de março de 2021

1.4.5. Da Gruta

Do Grande Isolamento surge um podcast, “Da Gruta”, gravado via Skype e determinado a fazer luz deste fenómeno

O GrETUA liga-se, via Skype, a artistas e outros profissionais da cultura para conversar sobre o seu trabalho, a sua interrupção e a forma como vêem e vivem este período de isolamento. Diariamente no Facebook, Youtube, iTunes, Spotify e restantes plataformas.

O isolamento é a palavra de ordem. A pandemia cancela o contacto social, os eventos públicos; os espectáculos, os concertos, o teatro. O que sobra?

Tempo, disponibilidade e uma realidade absolutamente nova por compreender. Para digerir o que se adivinha ser uma transformação absoluta da nossa vida social, cultural e económica, o GrETUA sugere que voltemos ao essencial: conversar.

À distância de muitos quilómetros, o GrETUA conversa com profissionais das várias artes e distintas áreas da sociedade. Fala-se sobre o seu trabalho, sobre as suas ideias e, inevitavelmente, sobre o impacto desta nova realidade nos seus planos, nas suas expectativas e na sua visão do mundo.



Da Gruta com Paulo Calatré, 19 de março de 2020



Imagem introdutória do Da Gruta de 4 de abril de 2020

1.4.5. Cursos e Oficinas

Começou a ser assim porque tudo o que... As coisas não têm de ser assim, mas a minha visão para um equipamento, no caso o GrETUA, é de que tudo ou está em consonância ou não está. Ou tudo diz o mesmo ou então não diz nada. E, portanto, a Imagem devia refletir não só o que é o trimestre, a direção de um trimestre (porque cada trimestre é populado por algo especial), como deve transmitir o que é o GrETUA. Se o GrETUA é um lugar de permanente rejuvenescimento, e permanente transformação, então a sua Imagem tem de se transformar de forma regular. Até porque deve, também, oferecer a possibilidade [a quem faz parte da Imagem] de deixar a sua marca pessoal. Acho que por vezes perdemos pista daquilo que as coisas são, olhamos para um cartaz do GrETUA e não vemos isso, mas está lá isso. Todos os trimestres conseguimos dizer quem foi que o trabalhou, independentemente da Direção Artística do mesmo indivíduo, mais ou menos presente, que por vezes apenas lança uma pista. Consegues identificar a gestualidade das pessoas que passaram por ali. Não diz só aquilo que é a casa, mas também o que são as pessoas. Começou por aí, e já que temos de ter uma programação trimestral, então vamos ter uma imagem adaptada aquilo que é a programação e as pessoas que fazem parte dela.

É uma coisa natural que acontece em todas as estruturas de criação [terem uma imagem distinta para os seus diferentes trabalhos]. Por vezes, quando passamos para equipamentos municipais perdemos essa pista, seja pela falta de recursos associados, seja pela [necessidade de uma] identidade muito estanque, seja porque o presidente da câmara não gosta de mexer nas águas... a este lugar não pode ser permitido perder essa pista.



Curso de Sonoplastia
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

Curso de motivações profundamente práticas, que visam dotar capacidades técnicas e teóricas para a criação de materiais sonoros para diferentes palcos

Oficina de Desenho e Construção
Fotografia por João Coutinho

Um exercício que coloque em movimento um pensamento activo sobre o espaço, o lugar e a sua territorialização.



O TEATRO E A FORMAÇÃO

Toda a atividade do GrETUA orbita o teatro.

É o mote para a maior parte da sua formação e pela sua natureza multidisciplinar obriga à sensibilidade para as restantes expressões artísticas.

Com produções próprias, espectáculos finais de cursos e acolhimentos de peças de todo o país, o GrETUA conta com a presença do teatro em tudo o que faz.

Curso de Formação Teatral, 2023

Fotografia por Pedro Sottomayor



2.1. O Curso de Formação Teatral



O Curso de Formação Teatral é o pilar fundamental daquilo que é o GrETUA neste momento. Em primeiro lugar porque a matriz deste espaço continua e tem de continuar a ser o Teatro, e sei que, se calhar, pode criar alguns dissabores a algumas pessoas que o Grupo Experimental de Teatro tenha tanta programação na área da música e da dança, ou deixe de ter feito só teatro “clássico”, mas todas estas áreas são dialogantes com o teatro que aqui se faz e ensina. No sentido que, dando um exemplo, os espetáculos de música só são produzidos da maneira que são porque há capacidade de iluminação que à partida chega do teatro. O teatro nunca foi um lugar estanque, sempre foi um lugar de influência variada, e é a única forma de existir.



O Curso é fundamental porque, em primeiro lugar, traz pessoas novas para dentro do GrETUA, que trazem o seu histórico e a sua vida distinta. É muito rico que nós estejamos numa universidade sem ensino superior na área do teatro, porque se o tivéssemos as pessoas que viriam para o GrETUA viriam já condicionadas por essa área.



Curso de Formação Teatral, 2023. Fotografia por Pedro Sottomayor

Muita gente não conheceria o GrETUA havendo dois, três ou quatro espetáculos por ano, não o poderia conhecer. Assim como eu (não me aproximei ao GrETUA por causa do teatro, não tinha ligação nenhuma ao teatro, aproximei-me por causa da filosofia que me levou a conhecer determinadas pessoas que me apresentaram o GrETUA) e portanto, para o próprio Curso é importante que este seja um local populado de forma permanente; que o GrETUA seja um lugar em que 40% a 80% do seu dia é habitado, e que seja povoado por áreas tão diversas e tão distintas.

[Claro que] o motor principal continua a ser o Curso de Formação Teatral, porque ao mesmo tempo, também é um lugar onde conseguimos chamar vários formadores, onde conseguimos financiar a vinda de formadores, pensadores, “gente do teatro” que de outra forma não viria a Aveiro, permite-nos ter contacto com pessoas que têm a oportunidade [não só de] conhecer o espaço [como de] fazer propostas para o ele. E, de repente, temos aqui um espetáculo que não teríamos de outra maneira, e, de repente, esses espetáculos trazem pessoas que não viriam ao espaço de outra maneira, e, de repente, essas pessoas passam a vir aos outros eventos e podem, inclusivamente,



Ensaios do elenco para a peça final do Curso de Formação
Teatral 2023 Apneia, 2023
Fotografia por Pedro Sottomayor

O TEATRO E A FORMAÇÃO: O Curso de Formação Teatral frequentar o Curso de Formação Teatral, fazer parte de um dos espetáculos em cena, ou da sua produção.... Existe uma interdependência muito grande entre todas as áreas, mas foi a partir daí que se começou a pensar este GrETUA.

O pensamento deste GrETUA foi a partir especificamente do Curso de Formação Teatral. A nível prático o que mais falta a uma casa é a comunicação, porque os cartazes são ruído visual e as redes são ruído digital, e se estas 30 ou 40 pessoas que fazem parte de um curso forem elas mesmas agentes de comunicação; se cada uma delas conseguir fazer com que 2 venham conhecer o GrETUA, de repente já estamos a falar de 80 pessoas num espetáculo, é riquíssimo. Portanto, até a esse nível o Curso é fundamental e serve não só para as áreas do teatro, mas serve também para fazer estes jovens perceberem (uns deles mais jovens outros menos jovens) que a agência cultural depende deles, eles são agentes culturais. É uma coisa que nos escapa com frequência.

Pedro Sottomayor durante os ensaios para a peça final do Curso de Formação Teatral 2023 Apneia, 2023
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Não acho que a cidade invista pouco na cultura, até acho que é das cidades que mais investe. Não creio que o problema esteja na falta de dinheiro, mas sim na gestão desse dinheiro.

Evidentemente, o GrETUA e qualquer instituição na cidade ou na Universidade sofrerá da falta de concertação — e quando digo concertação refiro-me a nível da direção do que é um projeto cultural. Para mim a Universidade é um projeto cultural, são os maiores equipamentos culturais que existem, porque sem isso passam a ser somente uma fábrica de mão de obra especializada. É o restante que a Universidade incute nos seus alunos enquanto conjunto de vivências, de contacto, de acesso aos domínios artísticos — isso é que vai distinguir uma Universidade de uma fábrica de mão de obra especializada. É um problema a nível nacional, e não de Aveiro. A nível nacional as Universidades não se pensam enquanto equipamentos culturais (a cultura é apenas um fragmento...) e isto só se entende num país com poucas práticas culturais e muito desentendimento sobre o que é a cultura. Por isso é que nós temos um setor extremamente precário, e que o orçamento que existe para a área da cultura, a nível do nosso governo, é tão miserável. E por isso, também, é que não há diálogo suficiente entre ministérios [como a] educação e a cultura.

[A um nível mais local] É muito difícil conseguires comunicar com instituições, algumas delas com projetos paralelos ao nosso, quando não falam a mesma língua que tu. Com pouca noção do que este trabalho significa, ou sem noção daquilo que vão ser os seus resultados e daquilo que devem ser as suas métricas. Por vezes estão a falar contigo em termos que foram buscar à ciência ou ao desporto...



Fotografia de Ensaio para a peça final do Curso de Formação Teatral 2023 Apneia, 2023
Fotografia por Pedro Sottomayor



João Tarrafa durante os ensaios para a peça final do Curso de Formação Teatral 2023 Apneia, 2023
Fotografia por Pedro Sottomayor



Montagens do cenário para a peça final do
Curso de Formação Teatral 2023 Apneia, 2023
Fotografia por Pedro Sottomayor



Montagens do cenário para a peça final do
Curso de Formação Teatral 2023 Apneia, 2023
Fotografia por Pedro Sottomayor



Montagens do cenário para a peça final do
Curso de Formação Teatral 2023 Apneia, 2023
Fotografia por Pedro Sottomayor



Montagens do cenário para a peça final do
Curso de Formação Teatral 2023 Apneia, 2023
Fotografia por Pedro Sottomayor



Apneia, 2023
Fotografia por Joana Magalhães



Apneia, 2023
Fotografia por Joana Magalhães

2.2. Produção GrETUA

Eu experimentei o teatro enquanto ator, como exercício de vaidade fundamentalmente. Há muita gente que o faz e acho que é... saudável. Acho que foi por isso. A um nível um bocadinho mais profundo foi necessidade de reconhecimento. Não acho que fosse particularmente prodigioso, pese embora algumas palmadinhas relativamente ao trabalho que fazia. É um trabalho que me deixou muita saudade ao início, mas que hoje em dia já parece que foi outra vida.

Só deixei de atuar e passei para o lado da encenação, da escrita e do pensamento do espetáculo porque, essencialmente, não gostava da direção dos espetáculos. E a mim sempre me disseram “Se não gostas faz tu” e eu... comecei a fazer.

Tenho saudades de alguns espetáculos, de alguns momentos, que fazia enquanto ator. É um sentimento muito particular. Tenho saudades do espetáculo inteiro do Nijinsky, mas...



Aventuras de Ruzante, 1985
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

2.2.1. Uma Corda Para Cada Dedo

É a procura da experiência
deste planeta miserável.
Círculo fechado,
viciado,
urgente quebrar pela dinâmica do
estar aqui-agora

Aí plana gente:
jovens-desesperados-na-
busca-decisiva-e-
definitiva-dum-novo-
planeta

prostitutas-asfixiadas-no-
turbilhão-dos-orgasmos-
alheios

loucos-loucos-loucos
deliciosos-fazendo-
equilíbrio-no arame-
limite-da-nossa-
compreensão

extra(s) planeta terra-
esmagados-por-um-
contacto-sensorial-
mortífero-inviabilizando-
uma-saída-que-nos-
transcendia

suícidas-morrendo-em-
defesa-da-vida-duma-
outra-forma-de-vida

e.....
obviamente, os
espectadores-deste-
espetáculo

Janeiro de 80 marca o início dum percurso.
Da expressão drmática para criação coletiva.
Um trajecto feiro de prazer, escolhas e muita vontade.
O gozo assumido. Acções no dia-a-dia das nossas improvisações.

Uma Corda Para Cada Dedo, 1980

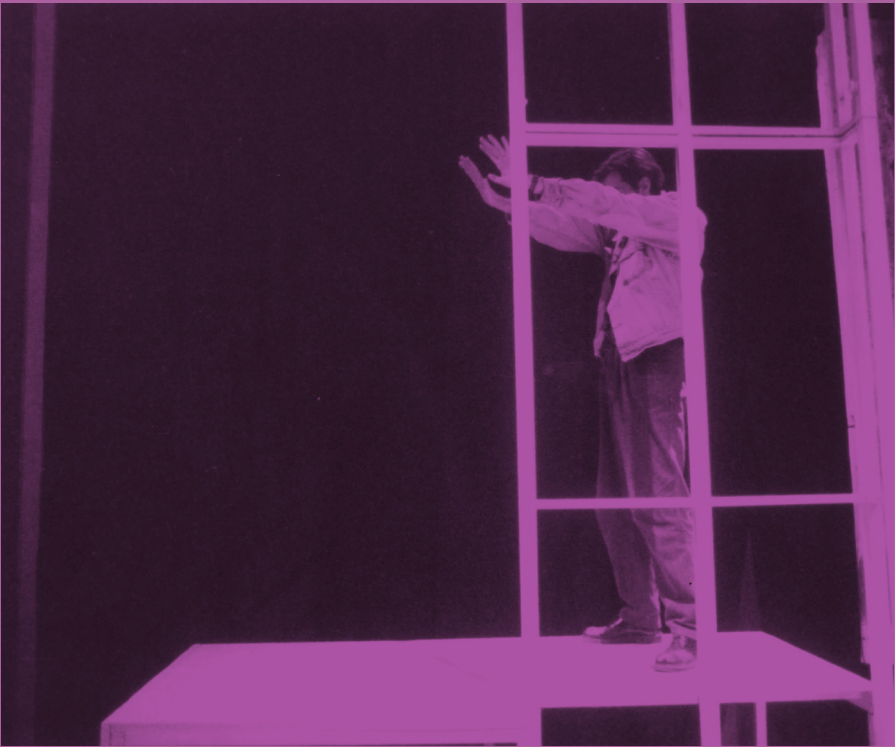
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



2.2.2. Agatha

Uma casa à beira-mar. Um homem e uma mulher. Uma luz de inverno. É neste cenário profundamente durasiano que a viagem ao passado destas duas personagens se inicia. Ao fundo, o espectro de uma separação anunciada. O recurso à memória convoca um tempo interior repleto de silêncios, de ausências, de palavras e vozes desfeitas. Trata-se de contar a história a dois. O amor e a sua evidente impossibilidade. Contudo, o desejo suspenso, ameaçador, contraria a ambiguidade do discurso.

Perdidos e simultaneamente expostos, dois corpos em ruínas seguram o passado através de múltiplos movimentos interiores e íntimos, evocam o futuro incerto, exorcizam o presente – essa perda indizível da plenitude original. Trata-se de contar a história a dois. E talvez a ausência dessa história. Como sempre, em Duras, “aparentemente, não se diz nada, a não ser o nada que existe em todas as palavras”.



Agatha, 1991
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Agatha, 1991
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Agatha, 1991
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Agatha, 1991
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Agatha, 1991
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Alice No País das Maravilhas, 1992
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

2.2.3. Alice no País das Maravilhas

No caso da Alice estamos a lidar com uma espécie de “non-sense” muito curioso e complicado, escrito para um publico inglês do século passado. Pasa o saborear na totalidade temos que saber muita coisa acerca deste texto.

É só porque adultos – cientistas e matemáticos em especial – continuam a apreciar os livros da Alice que estes têm a imortalidade assegurada.

O problema é que qualquer obra de “nonsense” é abundante em símbolos convidativos que se pode presumir o que se quiser acerca do autor e facilmente contruir um caso impressionante para o sustentar.

Temos também que nos lembrar que muitas personagens e episódios na Alice são o resultado directo de trocadilhos e outras graças linguísticas que teriam tomado formas muito diversas se Carroll estivesse, por exemplo, a escrever em francês.

Aquilo que distingue Carroll de outros autores que viveram vidas assexuadas e de escritores que sentiam uma forte atração por meninas é a acombinação curiosa, quase única, de uma completa inocência sexual com uma paixão inteiramente heterossexual.

Todos nós vivemos vidas caricatas, sob uma inexplicável sentença de morte, e quando tentamos saber o que é que querem que nós façamos, somos empurrados para burocratas.

O pato é o reverendo Duckworth, o Lorry (um papagaio australiano) é Lorina Liddell; Edith Liddell é a águizinha e o Dodo é o próprio Lewis Carroll. Carroll gagejava e quando pronunciava o seu nome: Do-Do-Dogson...!
É curioso notar que quando a sua biografia entrou para a Enciclopédia Britânica ele foi inserido mesmo antes do Dodo. Os indivíduos neste estranho grupo representam participantes num episódio mencionado no diário de Carroll datando de junho 17 de 1862. Carroll tinha levado as suas irmãs Fanny e Elizabeth e a sua tia Lucy Lutwidge num passeio de barco acompanhados pelo reverendo Duckworth e as três meninas Liddell.



Alice No País das Maravilhas, 1992
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

2.2.4. A Peste

1994: O ano da Peste! Cerca de 40 anos depois, o eco da voz humanista de Camus faz-se ouvir em terras indianas confirmando a atualidade da crónica do escritor; E certo que só na Índia se pôde sentir o drama anunciado por Camus; só ali, com certeza, a mensagem de solidariedade encontra terreno para se expandir... Os outros, esses limitaram-se a um suspiro triste ao ler o caso no jornal; esboçaram um sorriso de alegria quando a ruidosa televisão lhes comunicou o número cada vez menos de vítimas. “Mas a Peste não chegou cá.” pensamos todos nós.

Um estudo feito por Manuel Cintra Ferreira na Revista do semanário Expresso põe a descoberto, em poucas páginas, a fragilidade humana e a sua impotência (à maneira de Camus), perante diversas variantes do mal que se lhe impõem como um destino inexorável. “novas bactérias e vírus parecem sair do nada e tornam-se uma ameaça mortal”. E o Homem, rendido à sua fraqueza e insignificância de mortal, combate de década em década as novas ameaças que vão surgindo.



Crash, 1993
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

2.2.5. Adão

“E por hoje fico-me por aqui, meu filho
minha filha
Aproveitaste bem a lição?”

— *in* “Carta a um menino que não nasceu”
Oriana Faliaci

“Faz parte da ordem natual vir ao mundo de cabeça e sair dele
de pé”

— *in* História Natural
Plínio

“Três associados criam um embrião — Deus, o pai e a mãe. O
pai dá o branco (o esperma) que forma os ossos, os tendões, as
unhas, a substância cerebral e o branco dos olhos; A mãe dá o
vermelho que gera a pele e a carne, os cabelos e o negro dos ol-
hos. Por fim, Deus dá a vida e a alma, a tez, a visão, a inteligên-
cia e a consciência. Quando o homem morre, Deus retira-lhe
aquilo com que participou na associação.”

— *in* Livro Sagrado Judeico

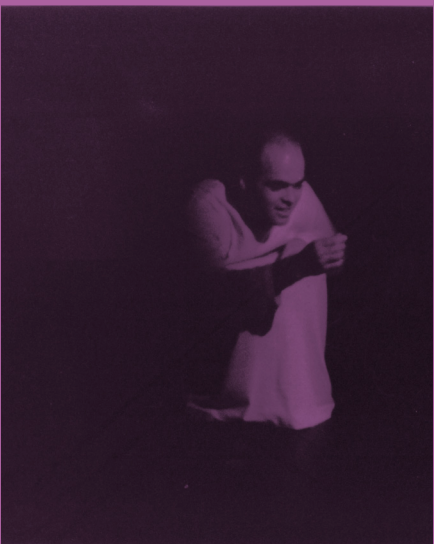
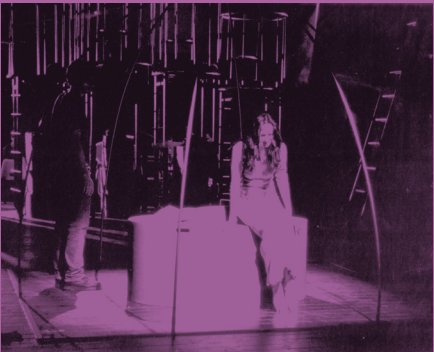
“Quando as duas sementes forem lançadas, o homem não deve
desligar-se rapidamente, para que o ar não entre no útero e não
altere as sementes e para que elas se mesquem melhor uma com
a outra; e, depois de o homem se ter afastado, a mulher deve
manter-se sossegada, cruzando e juntando as nádegas e as per-
nas, mantendo-as levemente alteadas, com medo de que, devi-
do aos movimentos e à posição em declive do útero, a semente
escorra para fora. Pelas mesmas razões, é preciso que ela não
fale, não tussa, não espirre. Do mesmo modo, é preciso que ela
durma rapidamente, se lhe for possível.”

— *in* “De La Génération de L’Homme”
Ambroise Paré

“Nas mulheres, aquilo a que se chama matriz ou útero é um
animal que vive dentro delas, possuído pelo desejo de fazer fi-
lhos (...) um animal cheio de concupiscência e, por assim dizer,
guloso e cobiçoso.”

— *in* “Timeu”
Platão

Adão, 2000
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro





Adão, 2000
Fotografia do elenco. Arquivo GrETUA,
Universidade de Aveiro



Adão, 2000
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

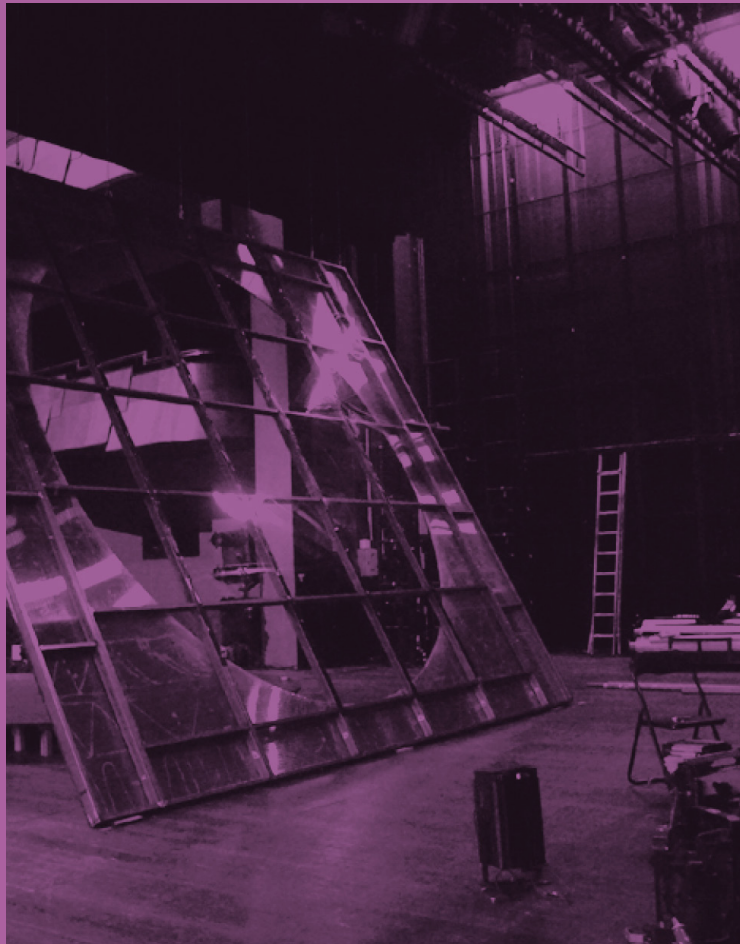
Adão, 2000
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Adão, 2000
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Adão, 2000
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



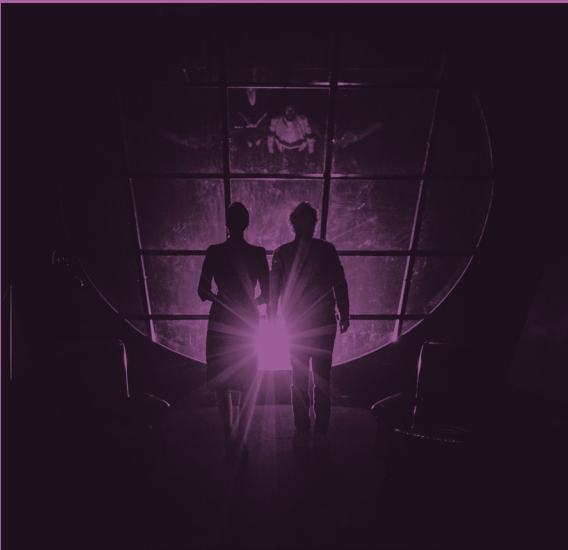
Desvão, 2018
Fotografia de Montagem de Cenário. Arquivo
GrETUA, Universidade de Aveiro

2.2.6. Desvão

“Desvão” é o culminar do trabalho de uma equipa encabeçada por Bruno dos Reis, que começou com o espectáculo “Perguntem ao Porteiro” levado à cena no Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro em Março de 2017. Embora não obedea à continuidade tradicional das trilogias, será a terceira parte integrante de um universo partilhado de ideias e personagens que foram expandidas em “Peignoir”, trazido à cena em Março do presente ano. Cada um à sua forma, são trabalhos que lidam com um género de existencialismo próprio à pós-modernidade: se Deus morreu faz já muito tempo, apenas por volta dos trinta anos de idade acabamos por enterrar os Batman, os Balboa, as Tartarugas Ninja e os grandes ciclistas que perseguíamos em criança. O telemóvel vai substituindo o whisky dos grandes heróis cuja solitude aprendemos a admirar, mas não há nada, ainda, que substitua as capas e espadas da nossa longa infância. Num mundo cada vez mais célere, efémero e indiferente aos seus indivíduos, começa a surgir um género de nostalgia heróica que começou nos Noir (“o heroísmo possível a partir de uma certa idade”) e aflora agora na chegada a Hollywood dos Super-Heróis das BD’s e dos desenhos animados. São os deuses dos nossos novos tempos, e os nossos Homens o seu crepúsculo.



Desvão, 2018.
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro



Desvão, 2018
Fotografia por Joana Magalhães

Desvão, 2018
Fotografia por Joana Magalhães

2.2.7. Ruínas

RUÍNAS nasce da vontade de um grupo em dar a voz e o corpo à prática.

Começámos por criar uma casa — as quatro paredes que mais vimos no último ano — e esperámos. A uma casa não basta amá-la, é preciso ouvi-la. E para ouvir é preciso tempo.

O áudio é cego. O áudio é o meio mais intensamente visual precisamente por causa da sua cegueira. Talvez a palavra “cegueira” sugira uma limitação. Mas na realidade são os outros veículos dramáticos que são limitados. É a física einsteiniana que os proscreeve: massa, tempo e espaço ditam as realidades fictícias que podemos evocar efetivamente num palco ou dentro dos limites de uma tela. Em contraste, o áudio, sendo incorpóreo, não tem fronteiras de tempo ou espaço, não tem limites. Qualquer coisa ou pessoa se pode mover instantaneamente para qualquer lugar dentro ou fora do universo. Dois objectos podem ocupar o mesmo espaço. Os objectos podem existir em vários tempos e espaços ao mesmo tempo, ou em nenhum tempo e espaço, ou em todos os tempos e espaços simultaneamente. Por isso lhe chamamos o teatro da mente. Confiámos as divisões desta casa — sala de estar, sala de jantar, cozinha, casa de banho e três quartos — a sete autores: Bruno dos Reis, David Calão, Guilherme Gomes, João Coutinho, Maria do Mar, Luís Araújo e Teresa Coutinho. E depois esperámos. Esperámos a sua ruína. Porque num país onde tudo o que nasce parece já condenado, todas as obras são a sua ruína por estrear. E esta, mais do que tudo o que fiz até hoje, conserva intacto o seu destino de hipótese.

Ruínas, 2021
Fotografia de Gravações.
Fotografia por Maria do Mar



Ruínas, 2021
Fotografia de Gravações. Fotografia por Pedro Sottomayor





Ruínas, 2021
Fotografia de Gravações. Fotografia por Pedro Sottomayor



Ruínas, 2021
Fotografia de Gravações. Fotografia por Maria do Mar



Ruínas, 2021
Fotografia de Gravações. Fotografia por Pedro Sottomayor

GrETUA

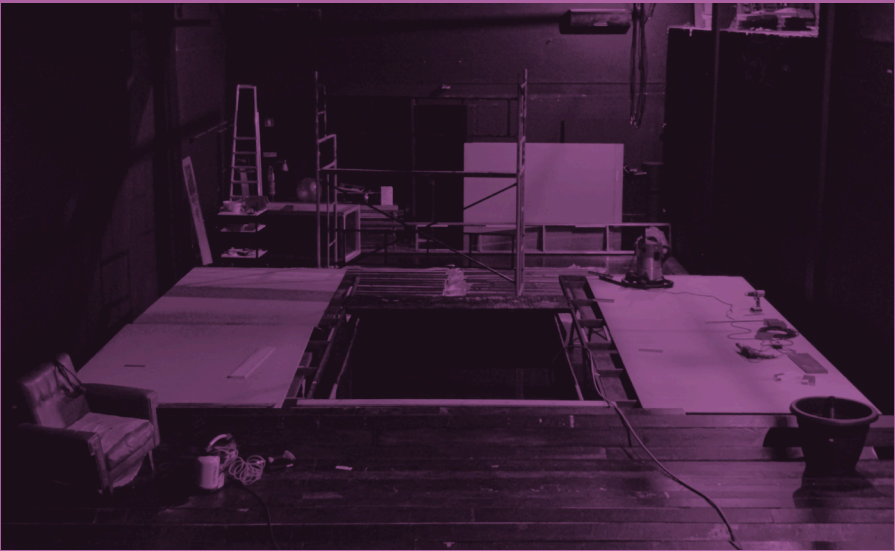
Ossário, 2022
Fotografia de Montagens do Cenário.
Arquivo GrETUA, Universidade de Aveiro

2.2.8. Ossário

Ossário é uma história contada a três vozes: três mulheres que tentam fazer sentido de um mundo que as explorou desde crianças, que as atirou para as ruas antes ainda de se saberem calçar, que as obrigou a hipotecar o corpo, os filhos e o que talvez ainda lhes vai sobrevivendo — a sua inescapável necessidade de amor.

O amor que aqui encontramos não é o de Hollywood, o pózinho de arroz ao espelho ou o tremelique das velinhas frágeis e aromáticas — é o esqueleto de quem se ergue todos os dias por nunca ter encontrado onde se deitar.

São três cadáveres vivos que procuram a paz. Contra isto, o tempo, como um rio, marcha sem parar.



Ossário, 2022
Fotografia de Montagens do Cenário.
Fotografia por Maria Inês Almeida



Ossário, 2022
Pormenor de Inclinação do Cenário. Fotografia
por Maria Inês Almeida



Ossário, 2022
Fotografias por Joana Magalhães

Mil a zero. Mas existem algumas estruturas que têm uma grande comunicação e que seguimos com atenção. Dentro daquilo que é a comunicação o GrETUA também tem tido alguma procura. Quando certas companhias procuram diretor de comunicação... quando existem equipamentos municipais a pedir-nos formação...

Acho que é uma riqueza grande.

Claro que há consequências que não são as melhores: se alguém que veio há um ano ao GrETUA, encontrasse agora um cartaz



Ossário, 2022
Cenário de Ossário.
Fotografia por Joana Magalhães

pelos cafés não leria imediatamente “GrETUA”. Demoraria uns segundos a perceber. Existe essa dificuldade. Mas acho que a mutação constante também é uma ideia, uma forma, e as pessoas vão-se apercebendo disso.

Ao mesmo tempo, pegando ainda na questão de transformação, não é só do espaço, mas também do seu público, porque o nosso público que é estudante de 3 em 3 anos desaparece e, portanto, até nesse domínio o GrETUA tende a ser um local de maior mutação que outros lugares.



Ossário, 2022
Fotografia por Joana Magalhães



Ossário, 2022
Fotografia por Joana Magalhães

A IDENTIDADE E A HERANÇA VISUAL

Anualmente, ou semestralmente, e até diariamente, o GrETUA ganha e perde membros. Enquanto grupo de estudantes e associação cultural, as participações no Grupo têm durações muito diferentes.

Dessa constante mudança surge uma identidade em constante transformação, fazendo deste espaço um local por onde criadores com diferentes interesses podem deixar a sua marca. No centro da identidade GrETUA vivem pluralidade, reinvenção e criação.

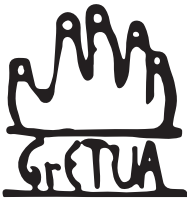
3.1. GrETUA, uma Identidade

Bem, apesar de isso estar muito intrinsecamente ligado ao meu tema da tese de Mestrado, eu não estudei o caso do GrETUA nesse sentido a fundo. Fiz uma investigação teórica à volta do que é uma Identidade Gráfica e como ela funciona no contexto associativo pequeno e como a herança e a memória influenciam a construção dessa identidade, mas não estudei a fundo o “como” e “porquê” que as coisas acontecem no GrETUA da forma que acontecem.

A minha perspetiva intuitiva é de que isso acontece no GrETUA porque o estado atual do GrETUA tem início mais ou menos em 2014/2015 quando entrou a coordenação do João Pantaleão e convidou o Bruno que começou a desbravar o caminho do GrETUA do que é que ele é hoje. Claro, ignorando tudo o que aconteceu antes que claramente leva ao que aconteceu hoje, mas, resumindo as coisas que podem ser feitas de forma justa começa aí. E, em termos de design gráfico, o que acontecia nessa altura primeiro é que não foi imediata a implementação de um programa trimestral, havia uma sequência de atividades que não era incluídas e pensadas em blocos, portanto elas iam tendo imagens...as Jam Sessions tinham as suas imagens específicas, as peças de teatro as suas próprias, outras atividades como conversas, concertos ou o que seja meio que tinham as suas próprias identidades também e, depois, à medida em que se foi organicamente à necessidade de organizar a programação em blocos programáticos também se foi organicamente chegando à questão de “ok, talvez em vez de estarmos a criar Imagens específicas para cada evento talvez seja mais inteligente e porque ninguém trabalha aqui a tempo inteiro, nós criarmos uma espécie de maneirismos gráficos que nos permitam criar muitos materiais que são necessários para comunicar este evento que está inserido neste bloco”. Acho que isso começou a acontecer mais quando o Maricato saiu e entrou um grupo de pessoas de NTC, não tenho a certeza dos nomes deles, era o Francisco e uma rapariga, e foram eles que começaram a implementar esse tipo de estratégia. Isso meio que ficou e, do que sei da minha experiência é que a dada altura defendia-se a ideia de que o GrETUA devia ser um espaço de liberdade dos designers que trabalhavam para o GrETUA – é uma moeda de troca que não corresponde ao trabalho das pessoas mas que é uma moeda de troca para as pessoas também algo do género de: “tu vens para aqui dar o teu tempo, a tua vontade, mas ao menos podes usar este espaço como forma de explorar coisas que queiras”, mas sempre com a possibilidade do feedback rápido de modo a perceber o que funciona ou não funciona no mundo real, digamos assim, fora de um ambiente clínico da academia que por muito que possas explorar nunca tens uma forma prática de perceber como funciona no mundo real.



Símbolo derivado da comunicação do espetáculo “Uma Corda para Cada Dedo”



Símbolo institucional GrETUA



Logótipo GrETUA

Presença da Identidade na entrada do Espaço GrETUA

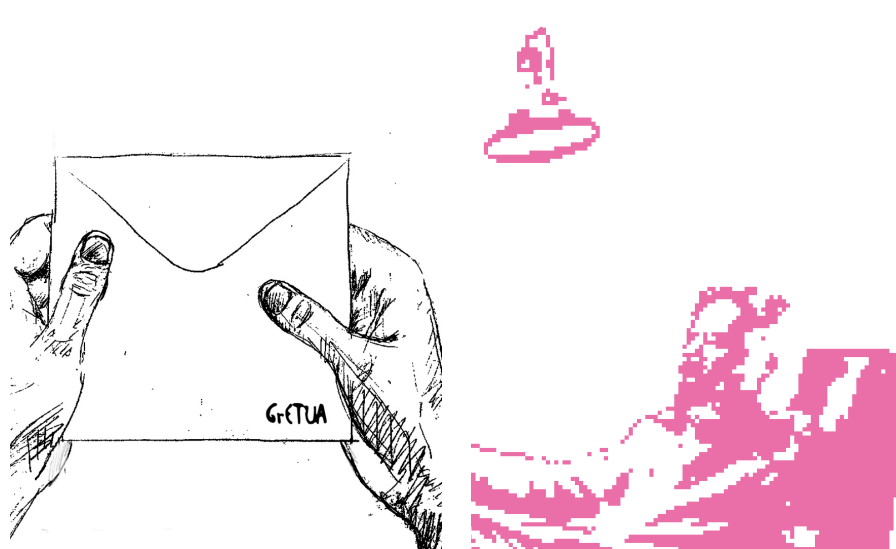


Cria-se esse lugar de liberdade para as pessoas que aqui estão, então acabou por nunca (mesmo quando isso vinha à conversa) essa ideia de solidificar uma identidade gráfica nunca se fez. E, também porque no fundo as pessoas nunca ficam no GrETUA por um grande período, o projeto de solidificação de uma identidade gráfica que envolve muito esforço e demasiado esforço para o que estaria disponível pelo menos na história recente do GrETUA.

Mas apesar disso, eu não concordo muito e que defendo na minha tese de Mestrado, com essa forma de verbalizar as coisas. Ou seja, não acho que não haja uma identidade do GrETUA de todo, o GrETUA tem uma identidade, é mais debatível se o GrETUA tem ou não uma identidade gráfica sólida. Mas, uma identidade o GrETUA tem, a identidade de um espaço, de uma associação é construída por várias coisas, não somente por uma identidade gráfica, o tom de voz por exemplo está super bem solidificado desde pelo menos que o Bruno entrou e tem a voz editorial daquilo que é escrito nas redes e nos programas do GrETUA e mesmo nas entrevistas também. Tem a identidade que também é visual aquilo que o espaço constrói para o público que o visita fisicamente, e aí também estamos a entrar na identidade gráfica — aí já é imagem, já é gráfico — vens ao GrETUA e tens uma experiência sensorial que inclui uma experiência visual e isso constrói uma imagem na tua cabeça do que é o espaço como público. Depois a fotografia também se começa a aproximar do que é a identidade gráfica, assim em termos resumidos pelo menos, ela também tem sido feita de forma bastante constante (o tipo de fotografia, as pessoas que têm vindo fotografar têm sido as mesmas), portanto também se constrói aí uma linguagem gráfica que não é propriamente do design, por assim dizer, mas que constrói a identidade gráfica do GrETUA. Os grafismos do material de comunicação é que vão mudando, mas mesmo assim acho que é possível, tirando uma ou duas exceções que naquele clichê confirmam a norma, mas é possível traçar (se for olhar para os quadros de definição de uma Identidade Gráfica — tipos de letra, fotografia, cor... — E se fizeres esse estudo dos últimos 7 anos do GrETUA) consegues ver que há de facto ali alguns pontos estáveis na Identidade.

Publicação no Instagram do GrETUA
pertencente ao espetáculo Modos de Ver
no Trimestre abr–jun, 2020





Trimestre set—dez 2022

Publicação Trimestral no Instagram do GrETUA

Trimestre jan—mar 2023

Pormenor do Cartaz do Curso de Formação Teatral de 2023



Trimestre abr—jun 2023

Pormenor do Cartaz Trimestral ABR—JUN 23

Começou a ser assim porque tudo o que... As coisas não têm de ser assim, mas a minha visão para um equipamento, no caso o GrETUA, é de que tudo ou está em consonância ou não está. Ou tudo diz o mesmo ou então não diz nada. E, portanto, a Imagem devia refletir não só o que é o trimestre, a direção de um trimestre (porque cada trimestre é populado por algo especial), como deve transmitir o que é o GrETUA. Se o GrETUA é um lugar de permanente rejuvenescimento, e permanente transformação, então a sua Imagem tem de se transformar de forma regular. Até porque deve, também, oferecer a possibilidade [a quem faz parte da Imagem] de deixar a sua marca pessoal. Acho que por vezes perdemos pista daquilo que as coisas são, olhamos para um cartaz do GrETUA e não vemos isso, mas está lá isso. Todos os trimestres conseguimos dizer quem foi que o trabalhou, independentemente da Direção Artística do mesmo indivíduo, mais ou menos presente, que por vezes apenas lança uma pista. Consegues identificar a gestualidade das pessoas que passa

-ram por ali. Não diz só aquilo que é a casa, mas também o que são as pessoas. Começou por aí, e já que temos de ter uma programação trimestral, então vamos ter uma imagem adaptada aquilo que é a programação e as pessoas que fazem parte dela.

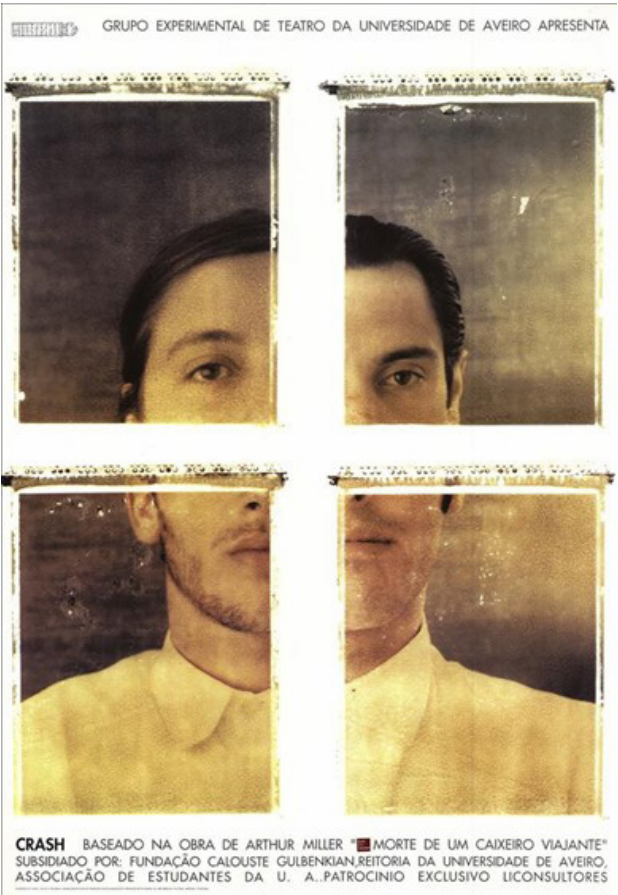
É uma coisa natural que acontece em todas as estruturas de criação [terem uma imagem distinta para os seus diferentes trabalhos]. Por vezes, quando passamos para equipamentos municipais perdemos essa pista, seja pela falta de recursos associados, seja pela [necessidade de uma] identidade muito estanque, seja porque o presidente da câmara não gosta de mexer nas águas... a este lugar não pode ser permitido perder essa pista.

3.2. O Património Gráfico do GrETUA

Principalmente num espaço que não há um formalizar daquilo que é a Identidade desse espaço, é óbvio que a herança e a memória construídas organicamente têm muita importância pois vão ser sempre aquilo que te permite voltares a perceber aquilo que foi a Identidade do GrETUA. Quando tens um manual de normas é fácil, vais ler o manual de normas e tens tudo explicado, agora, num espaço que funciona desta forma esse “manual” é constituído só dos objetos que vão sendo criados. Acho que a fotografia e o vídeo por exemplo, têm uma importância muito mais prática, acho que são úteis para mais gente, têm sido úteis para mais gente, do que a imagem gráfica costuma ser.

Acho que a imagem Gráfica acaba por ser muito útil como referência para os designers que vão chegando, e o GrETUA, apesar de não ter havido até agora um esforço muito consciente de arquivar, vai havendo um arquivo mais ou menos ingénuo. Não é ingénuo a palavra, por exemplo, os cartazes que estão afixados no Foyer são uma forma mesmo boa de apresentar às pessoas que visitam o espaço, falando dos designers, esses designers que visitam o espaço e trabalham para o GrETUA têm ali uma pequena versão condensada daquilo que foi toda a sua história (a linguagem gráfica do GrETUA). Isto referente ao teatro, mas, acaba por se perceber que se vai ali buscar muita coisa e do que se faz agora ainda se vai ali buscar muita coisa, mais ou menos informalmente ou inconscientemente, era isso a palavra: informalmente, um arquivo informal.

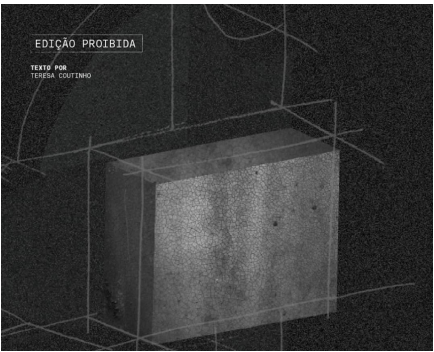
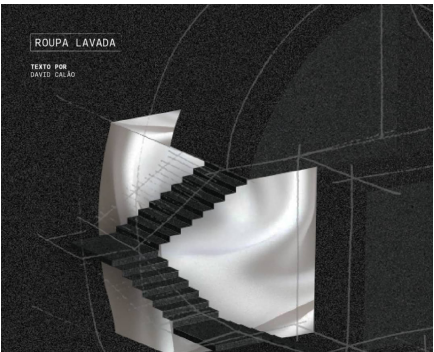
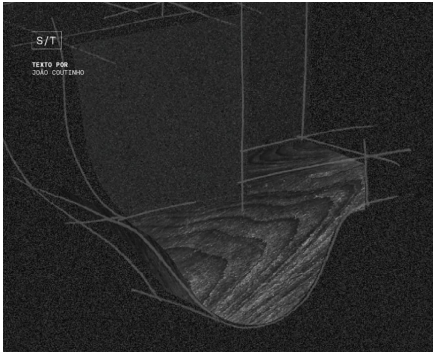
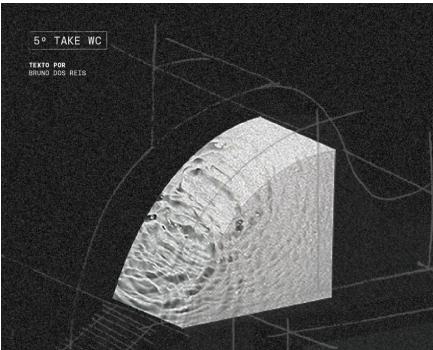
Flyer para a peça teatral CRASH, Aveiro, 1993
100 x 150 mm. 50 exemplares

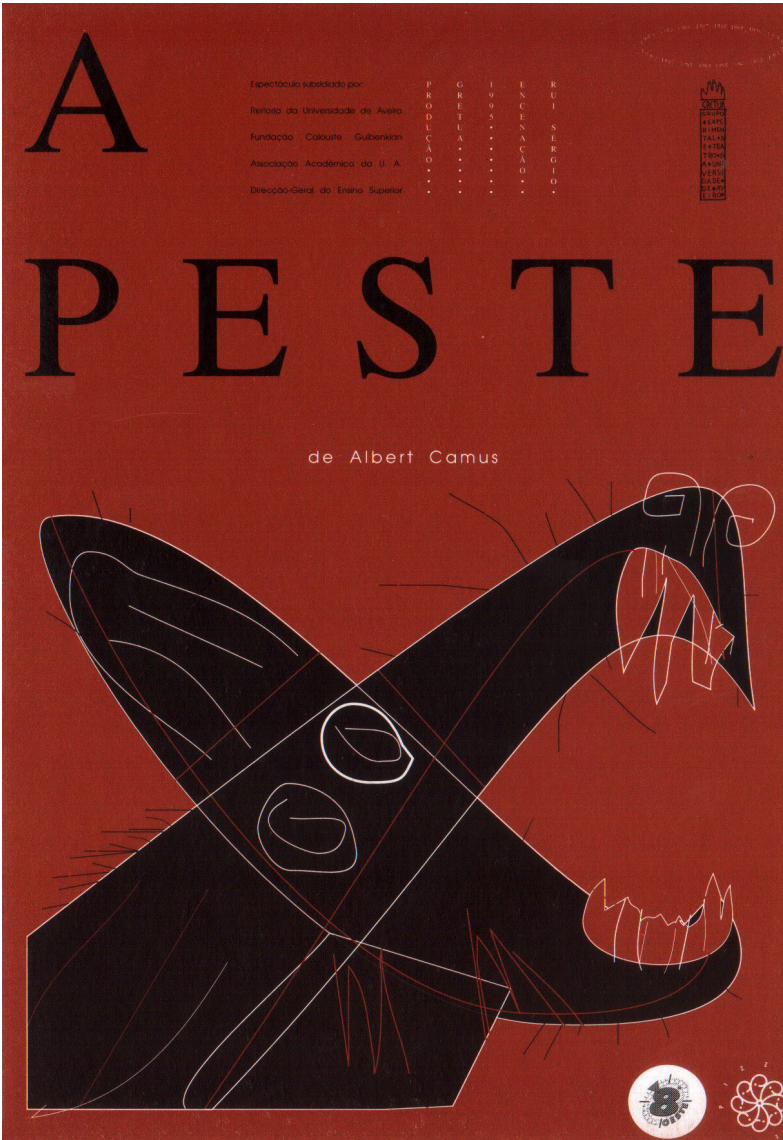




Publicação no Instagram do GrETUA para a peça de Teatro Radiofónico Ruínas, Aveiro, 2021

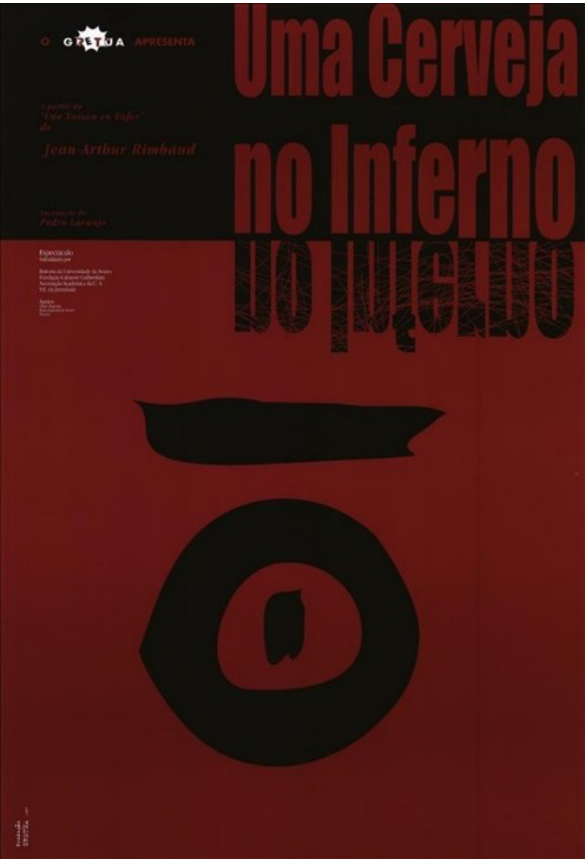
Elemento principal trata-se de uma orelha que é repartidas pelas diversas cenas na peça. Na sua comunicação via meios digitais fez-se questão de enfatizar essa divisão publicando individualmente as várias partes.





Flyer para a peça teatral A Peste, Aveiro, 1995
105 x 152 mm. 80 exemplares.

Com a preminação do vermelho, a imagem desenvolvida para esta peça teatral transmite um peso inigualável elevado pela ilustração que a completa.



Cartaz para a peça teatral Uma Cerveja no Inferno, Aveiro, 1997
690 x 475 mm. 6 exemplares.

A imagem desenvolvida para esta peça teatral comunica pela sua decisão de cor e disposição tipográfica uma forte conotação ao Inferno, a temática que a peça ronda. Graças a esta imagem, quem a vê consegue receber o peso que o cartaz transmite, criando uma sensação de interesse pelo desconhecido que a temática tem singularmente.

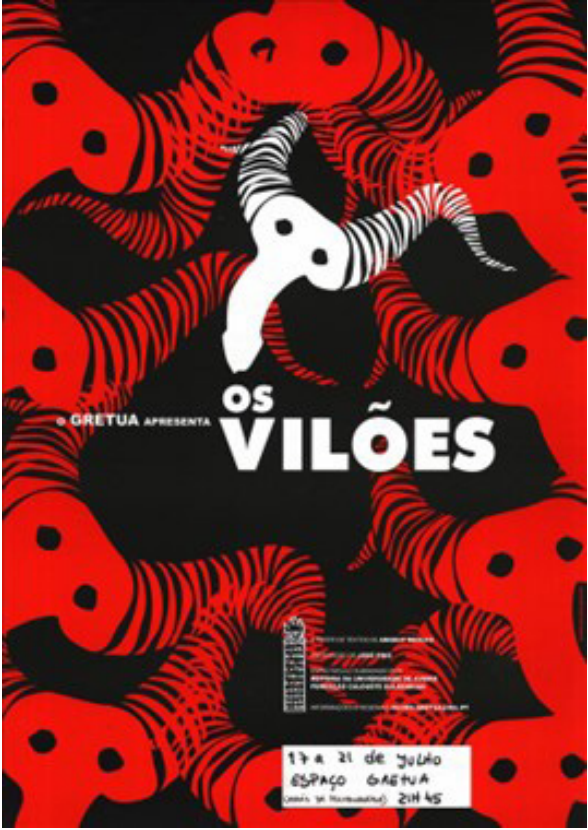
3.3. Arquivo Visual

Voltando à ideia de que a Identidade é muito mais que só a imagem gráfica, aquilo que eu ouço de pessoas fora do GrETUA à comunicação do GrETUA tem sempre muito mais haver com os textos, com as fotografias, com o desenho de luz e com outras características da identidade do GrETUA que não propriamente os grafismos. Analisando, também sem grande profundidade, eu diria que esta questão da mutabilidade e desta flexibilidade tão grande na Identidade do GrETUA e esta cadência tão rápida de mudança, 3 em 3 meses é muito pouco tempo, acho que pode ter dois efeitos opostos. Por um lado podem impedir que se criem ligações mais profundas com a linguagem gráfica do GrETUA e que se absorva aquilo de facto e que se compreenda aquilo como algo que representa solidamente o GrETUA, isto para quem desenvolve mesmo a Imagem ou seja, se tens só 3 meses para trabalhar com um conjunto de regras que definiste, e nesses 3 meses a tua atenção está partilhada por uma série de infinitas coisas em que o GrETUA é só uma pequena parte disso dificilmente haverá tempo e possibilidades de explorar a fundo que aquela linguagem te permite.

Depois, por outro lado, acho que ajuda muito a que a imagem não canse, ou seja, enquanto noutros lugares existe uma imagem gráfica, uma identidade gráfica, que dura 5 anos se for preciso e em que se acaba e já nem comunica porque se torna parte da paisagem em que é utilizado. Ílhavo é um bom exemplo disso, em que tem a mesma identidade gráfica e os materiais trabalhados da mesma forma desde 5 anos, acredito, em que agora está a entrar um Diretor novo e as coisas estão a mudar ligeiramente, não completamente, mas já é um respirar e um alívio grande pelo menos para a equipa, para fora ainda não consigo perceber bem qual é o efeito.

Acho que pode ter esses dois efeitos. O pouco que ouço falar das imagens gráficas do GrETUA são para dizer mal, as pessoas são sempre mais vocais negativamente. Lembro-me de poucos elogios, lembro-me de muitas críticas. É a forma das pessoas interagirem em relação a muitas coisas, não é particular à imagem do GrETUA. Mas também significa que as pessoas pensam sobre aquela imagem, se estão a comentar a imagem significa que não é invisível para elas.

Não é fácil fazer essa análise porque as imagens das peças de teatro funcionam de forma muito autónoma, normalmente não se integram muito bem no que é a imagem daquele trimestre. Além disso, acho que o exercício de dares... apesar do que disse na pergunta anterior, acho que são poucos os grupos de designers do GrETUA que têm esse exercício de olhar para dentro do GrETUA e perceber o que já se fez e vão buscar referências fora muito mais facilmente do que vêm dentro. Portanto acho que não existe muito essa troca, salvo algumas exceções, essa troca



Cartaz para a peça teatral Os Vilões, Aveiro, 2001
680 x 480 mm. 2 exemplares.

A conotação ao negativo e ao Inferno é notória pela decisão de utilizar o vermelho, assim como pela própria ilustração utilizada. Com a repetição da mesma, transmite a que observar o cartaz a forte presença de várias entidades negativas permitindo uma inquietação e criação de interesse sobre o que a peça teatral iria explorar.

De 1980 a 1990

A imagem do trimestre influenciar a imagem da peça de teatro e vice-versa não acontece assim tanto.

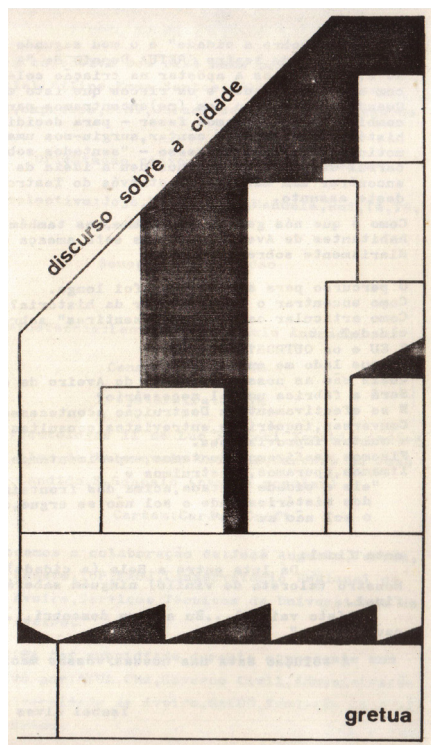
Aconteceu, por exemplo, no trimestre em que tentaram fazer aquele espetáculo de “É Gente a mais Neste Barquinho de Merda” aconteceu acho que pela proximidade dos designers do restante GrETUA e meio que desenvolveu nesse sentido. E aconteceu, também, num trimestre em específico que já não me lembro quando foi, talvez 2019, em que se estava a tentar comunicar o GrETUA através do que era a sua memória porque se chegou à conclusão de que distinguia o GrETUA dos outros espaços que estavam a surgir na cidade (foi uma altura em que começou a haver muito ruído de comunicação cultural na cidade, mais até do que agora), muitos espaços a surgir alguns que fecharam entretanto.

A visão da Direção Artística nesse momento era que “aquilo que o GrETUA é, é a sua memória” ou “O GrETUA é aquilo que é, pela sua riqueza que a sua memória lhe permite ter nas coisas que faz atualmente”, então nesse trimestre foi-se buscar muita influência gráfica e muitos materiais antigos do GrETUA, estivemos a digitalizar muitas fotografias...lá está aquela questão de que é mais fácil pela fotografia e vídeo existir esse papel de arquivo mais do que a imagem gráfica. Arquivo vivo, aquele que se vai buscar, que se mexe, que se usa.

O processo nas peças de teatro acaba por ser uma coisa muito mais contida em si, e se calhar foi por isso que naquele espetáculo em específico isso não aconteceu tanto porque normalmente tem de se ir buscar um universo estético muito particular, e tens de o comunicar. Não há muito espaço que a imagem pré condicione a experiência do público num sentido esteticamente adverso à estética do próprio espetáculo. Neste caso, não dizendo que é um mau cartaz - não acho que seja um mau cartaz nem que não condiz com a estética do espetáculo porque

Cartaz para a peça teatral Os meus nervos estão esgotados de pernas cansadas, Aveiro, 1891
420 x 295 mm. 5 exemplares.





"Discurso sobre a cidade" é o meu segundo trabalho com o grupo de teatro GRETUA. Depois de "A Bola de Neve, continuamos a apostar na criação colectiva com as dificuldades e os riscos que isto comporta. Quando em Setembro nos (re)encontramos para combinar o que iríamos fazer - para decidir que história vos iríamos contar, surgiu-nos uma notícia no jornal Expresso - "sentados sobre um barril de pólvora" que nos deu a ideia de tentar encontrar uma maneira de, através do Teatro, falar deste assunto.

Como é que nós gentes de Teatro, mas também habitantes de Aveiro, sentimos esta ameaça que pesa diariamente sobre nós?

O percurso para aqui chegar foi longo.
Como encontrar o fio condutor da história?
Como articular os diversos "sentires" sobre a cidade?

E EU e os OUTROS?

De que lado me encontro?

Quais são as nossas memórias de Aveiro de outrora?

Será a fábrica um mal necessário?

E se efectivamente a Destruição acontecesse?

Conversas, inquéritos, entrevistas, consultas e muitas e muitas improvisações.

Fizemos, desfizemos, juntamos, experimentamos, gostamos
limamos, apuramos, construimos e

"eis a cidade agitada, acima das fronteiras,
dos mistérios, onde o sol não se ergue, onde
o sol não se põe"

nota final:

Da luta entre a Bela (a cidade) e o Monstro (cloreto de vinilo) ninguém saberá o final.

"Isto vai mal... Eu sei, eu descobri... é por causa de..."

A solução está nas nossas/vossas mãos.

DISCURSO SOBRE A CIDADE

Criação colectiva com base numa colagem de textos de: Daniel Filipe, Emma Santos, Júlio Dias Gomes, GRETUA, Expresso, J.N., Jornal de Aveiro, Notícias da Tarde.

Orientação cénica: Isabel Alves Costa

O colectivo: Jojo, Lucia, Luis, Manuela, Rui, Tê, Tô, Isabel, Paulo.

Sonoplastia: Brandão

Som: Picó

Luminotecnia: Leonel, Matos, Paulo Andrade

Cenografia: GRETUA

Costureira: Ligia

Música: Tautologos II de Luc Ferrari, Xenakis, indicativo da telenovela Origens, Carcará de José Candido, S. Gonçalo (canção popular)

Cartaz: Carlos Croft

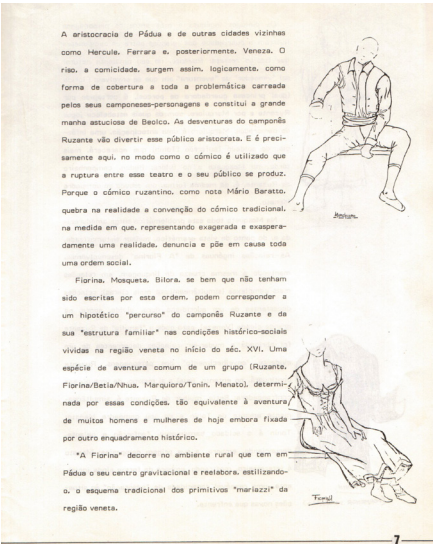
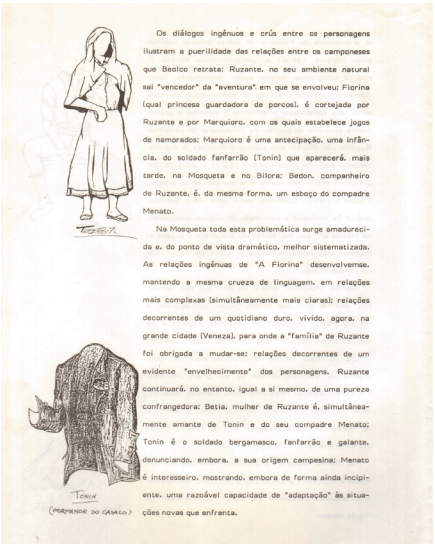
Agradecemos a colaboração de: José Augusto, Teresa, Fausto, TUP, FAOJ, Conservatório Regional de Aveiro, Serviços Técnicos da Universidade de Aveiro.

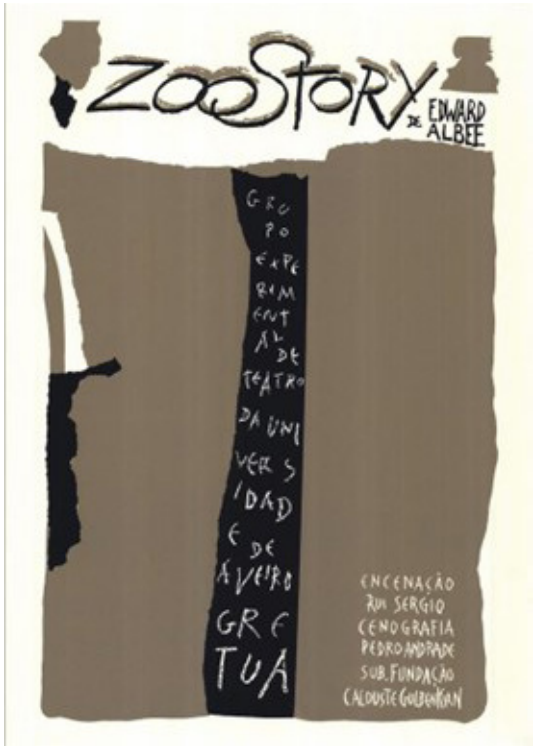
O GRETUA foi subsidiado, durante o presente ano

Cartaz para a peça teatral Aventuras de Ruzante, Aveiro, 1985
575 x 425 mm. 1 exemplar.

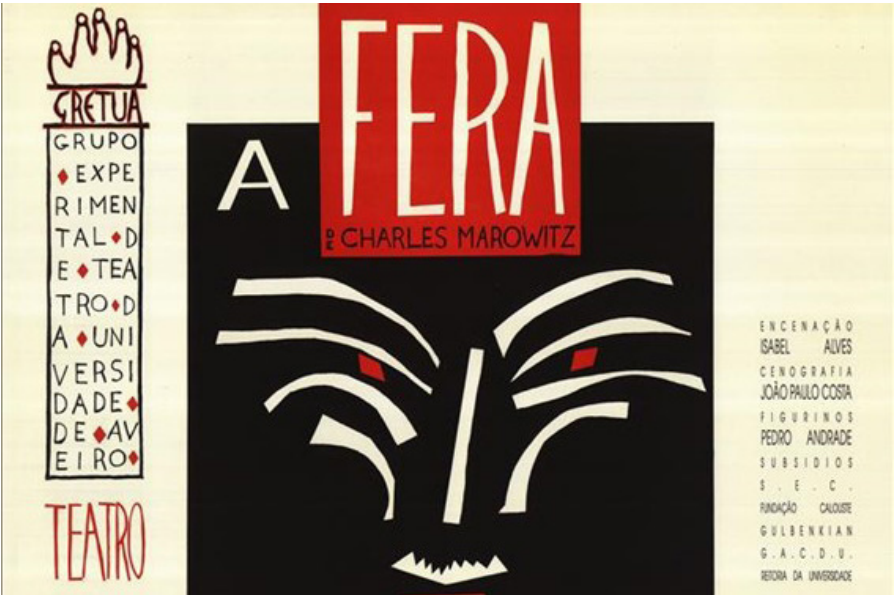


Folha de Sala para a peça teatral Aventuras de Ruzante, Aveiro, 1985
210 x 297 mm. 1 exemplar





Cartaz para a peça teatral Zoostory, Aveiro, 1987
595 x 420 mm. 6 exemplares.

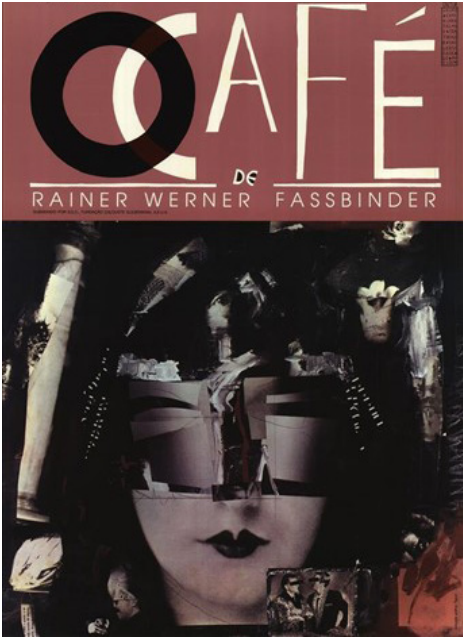


Cartaz para a peça teatral A Fera, Aveiro, 1989
320 x 460 mm. 4 exemplares.



Folha de Sala para a peça teatral Zoostory, Aveiro, 1987
100 x 150 mm. 50 exemplares.

Cartaz para a peça teatral O Café, Aveiro, 1990
680 x 475 mm. 3 exemplares.



Folha de Sala para a peça teatral O Café,
Aveiro, 1990
105 x 300 mm. 50 exemplares.

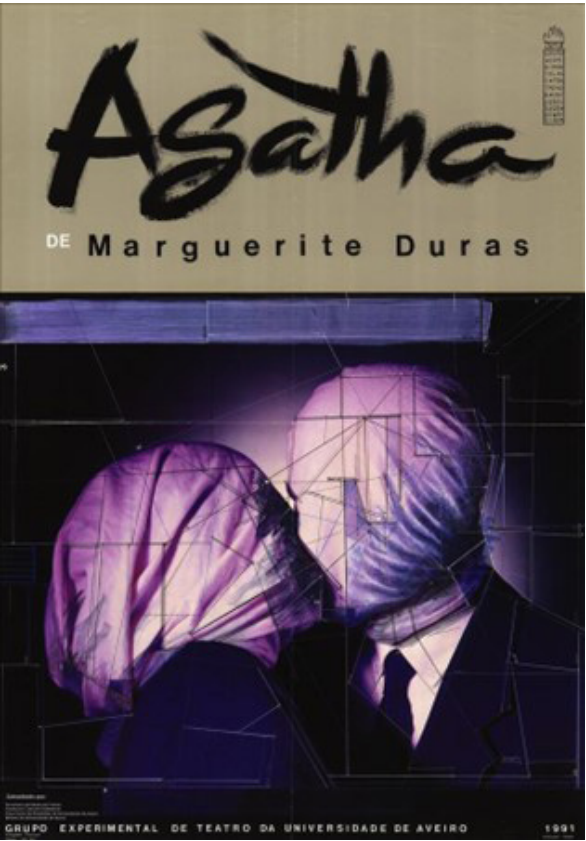
De 1991 a 2000

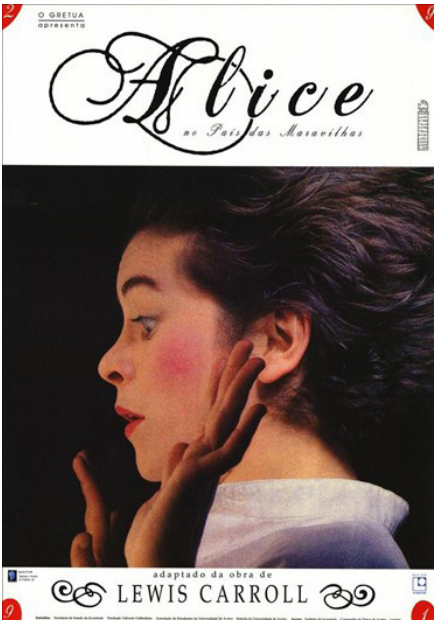
Mas, a imagem foi construída com uma antecipação maior do que é normal dos espetáculos de teatro do GrETUA, e o espetáculo estava menos definido esteticamente do que costumam estar os espetáculos de teatro do GrETUA, portanto acho que havendo menos uma definição de encenação daquilo que é a estética do espetáculo a imagem meio que ocupou esse vácuo e pode propor a sua própria estética mais do que nos outros casos.

Há dois exemplos que assim de cabeça me parecem melhores para falar disso porque existem trimestres onde isso acaba não acontecendo muito. Há trimestres que pela rapidez que tem de acontecer acabam por só se seguir os caminhos mais fáceis e acaba por só se utilizar os materiais mais comuns e quando isso acontece não há uma influência muito grande. Mas há trimestres e atividades específicas em que isso acaba por acontecer muito, por exemplo neste trimestre de que estava a falar à boca do final da pandemia em que se estava a pensar como é que os objetos de comunicação do GrETUA podiam promover ou comentar de alguma forma o regresso ao toque e à troca física entre pessoas guiada ou não por objetos, e como surgiu por acaso uma máquina de talões no GrETUA, abriu muitas possibilidades e toda a comunicação desse trimestre foi pensada a partir das capacidades materiais daquela máquina específica. Deu origem a muitos materiais muito invulgares, a agenda era um talão gigante, os cartazes tinham sempre pequenos talões afixados que escondiam códigos QR que davam mais informação, uma série de coisas.

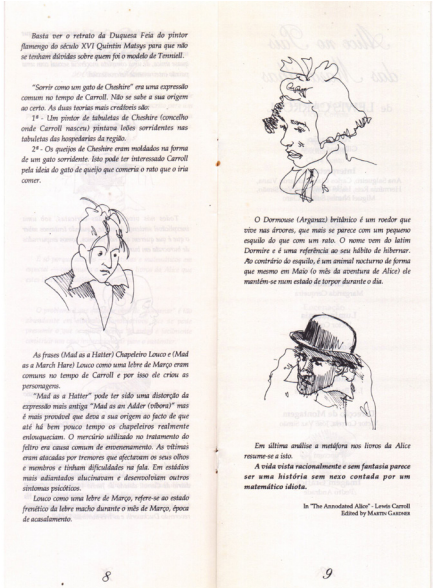
Outro exemplo bom é o HERAS também, que lá está, desde o início que se começou a pensar o projeto e a comunicação na cidade em simultâneo, porque o projeto é muito dobre o “habitar a cidade” e também queríamos que a comunicação habitasse de alguma forma a cidade. E precisávamos que ela furasse para a cidade porque isto era para comunicar mesmo para pessoas de Aveiro, portanto as Redes Sociais deixam de ser...são um meio bom à mesma, mas, era importante que as pessoas de Aveiro que não interagem com o GrETUA através delas também tivessem acesso a isso e nessa atividade em concreto a forma como decidimos imprimir e afixar cartazes também acabou por guiar muito o desenho da imagem gráfica do projeto.

Cartaz para a peça Teatral Agatha, Aveiro, 1991
680 x 475 mm. 4 exemplares.

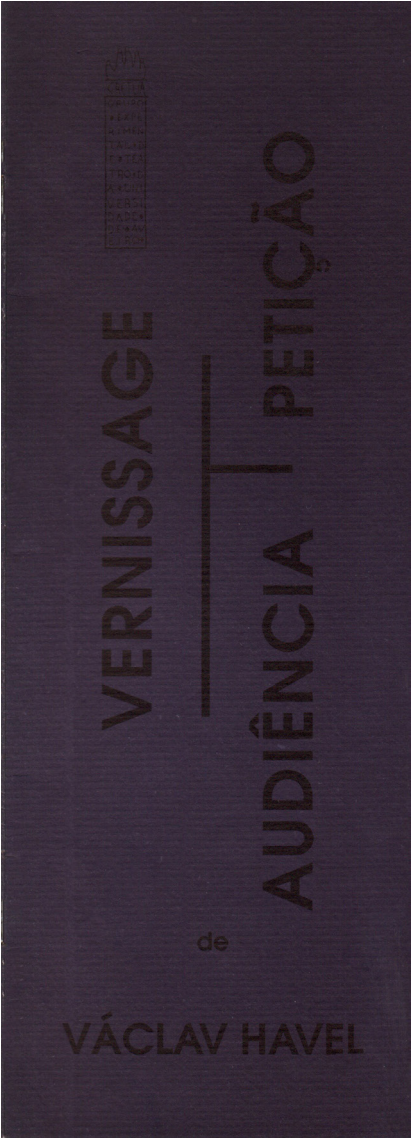




Cartaz para a peça teatral Alice no País das Maravilhas, Aveiro, 1992
680 x 480 mm. 2 exemplares.

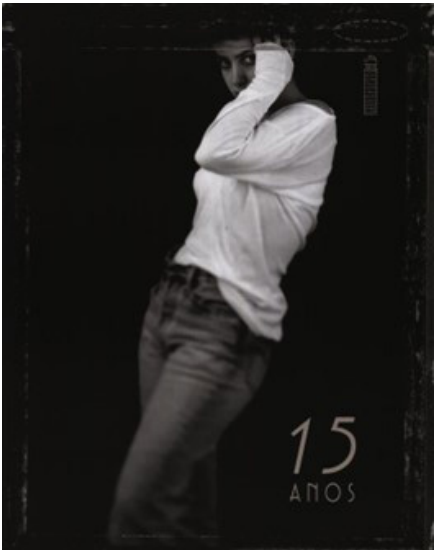


Folha de Sala para a peça teatral Alice no País das Maravilhas, Aveiro, 1992
105 x 295 mm. 50 exemplares.



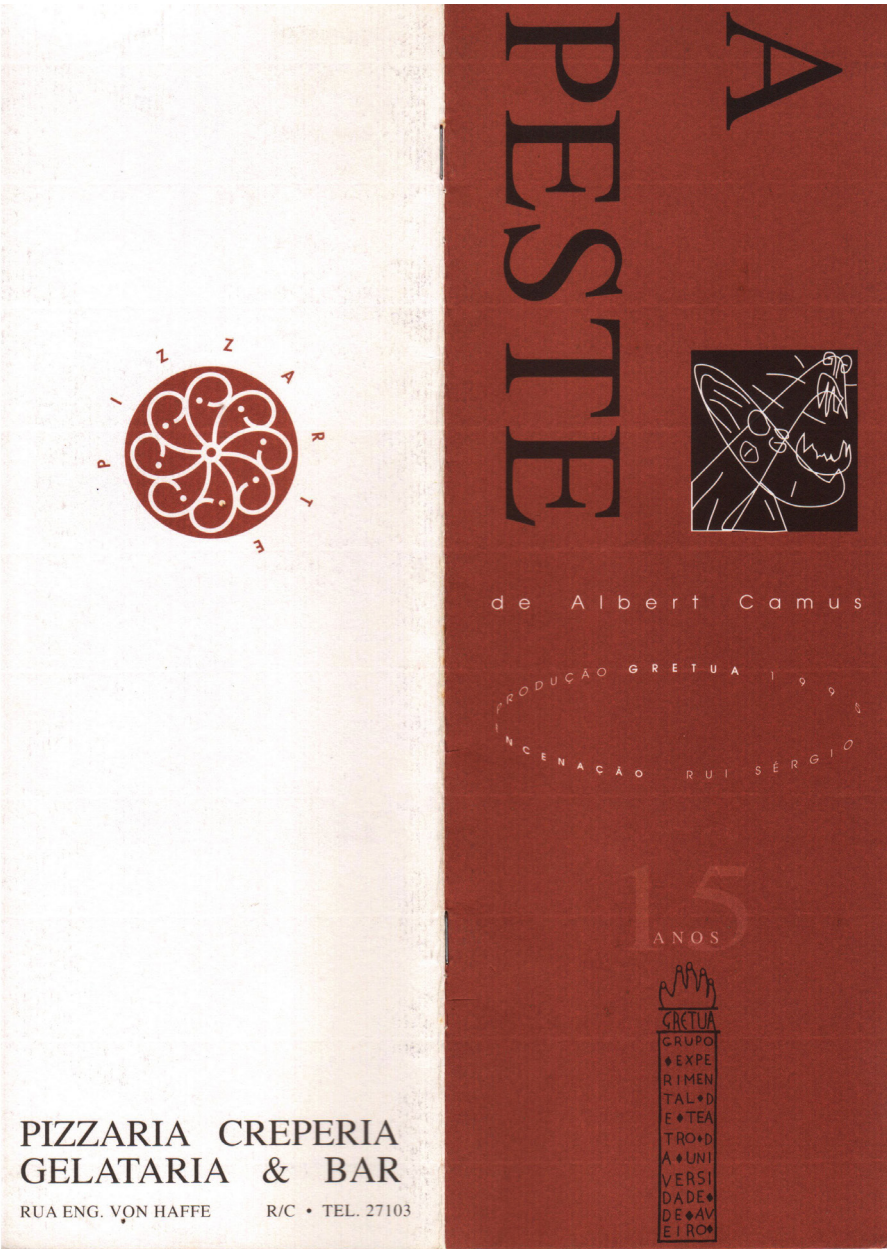
Folha de Sala para a peça teatral
Vernissage—Audiência—Petição, Aveiro, 1994
105 x 291 mm. 4 exemplares.
140





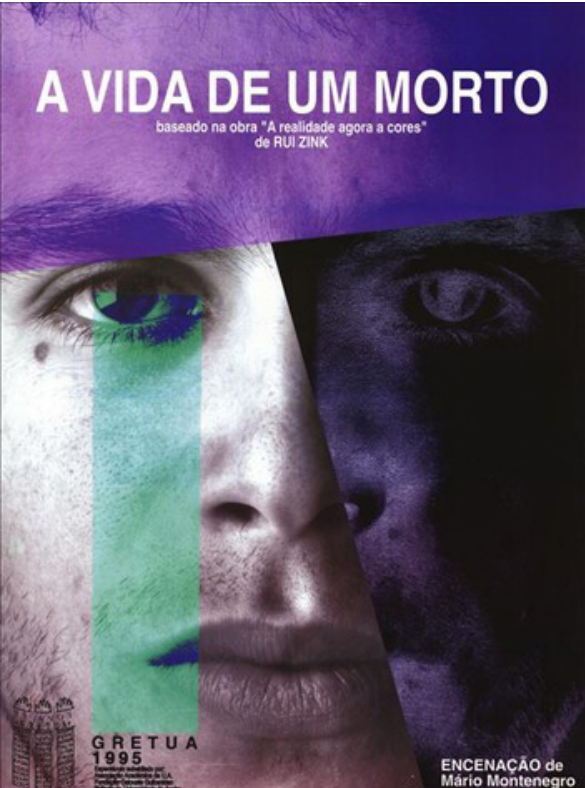
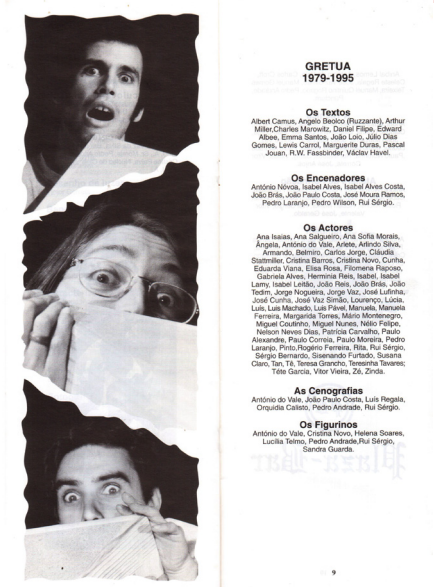
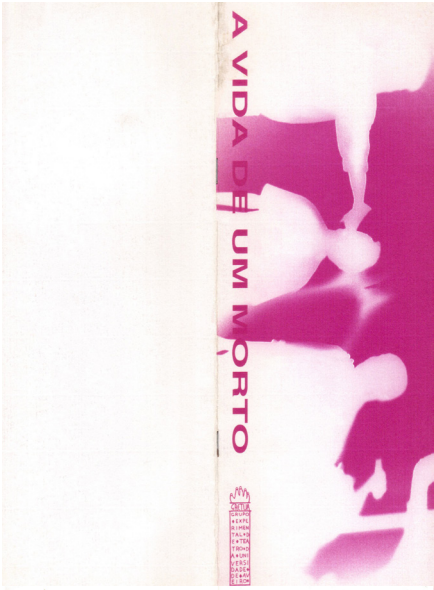
Cartaz 15 Anos GrETUA, Aveiro, 1995
675 x 500 mm. 2 exemplares.

Folha de Sala para a peça teatral A Peste,
Aveiro, 1995
103 x 282 mm. 12 exemplares.



Folha de Sala para a peça teatral A Vida de um Morto, Aveiro, 1995

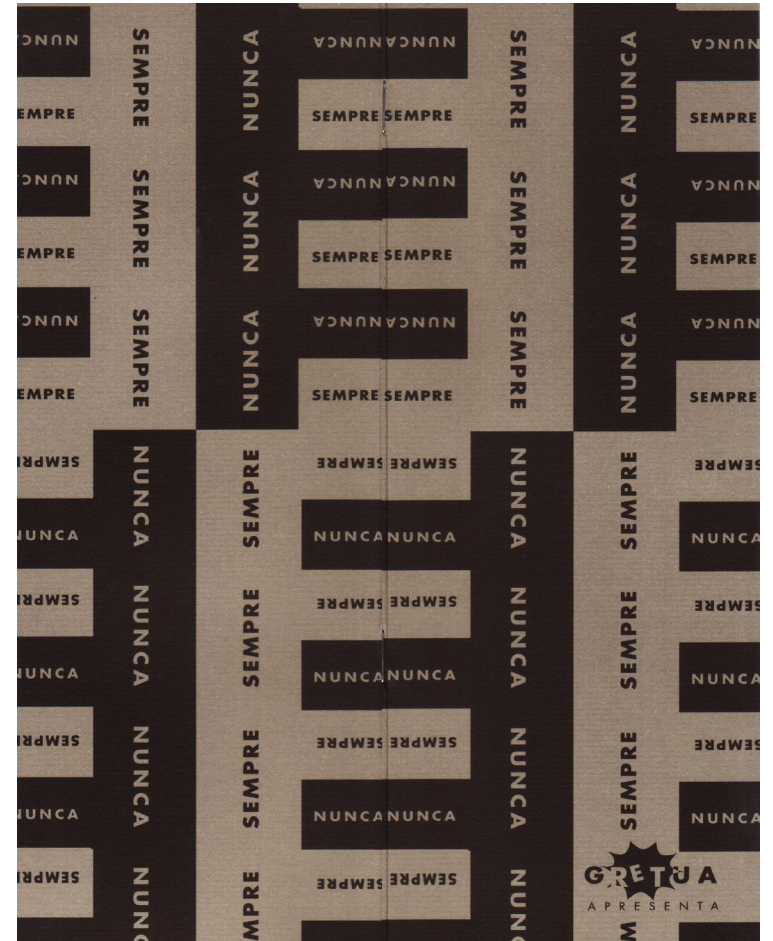
106 x 295 mm. 7 exemplares.



Cartaz para a peça teatral A Vida de um Morto, Aveiro, 1995

107 x 150 mm. 2 exemplares.



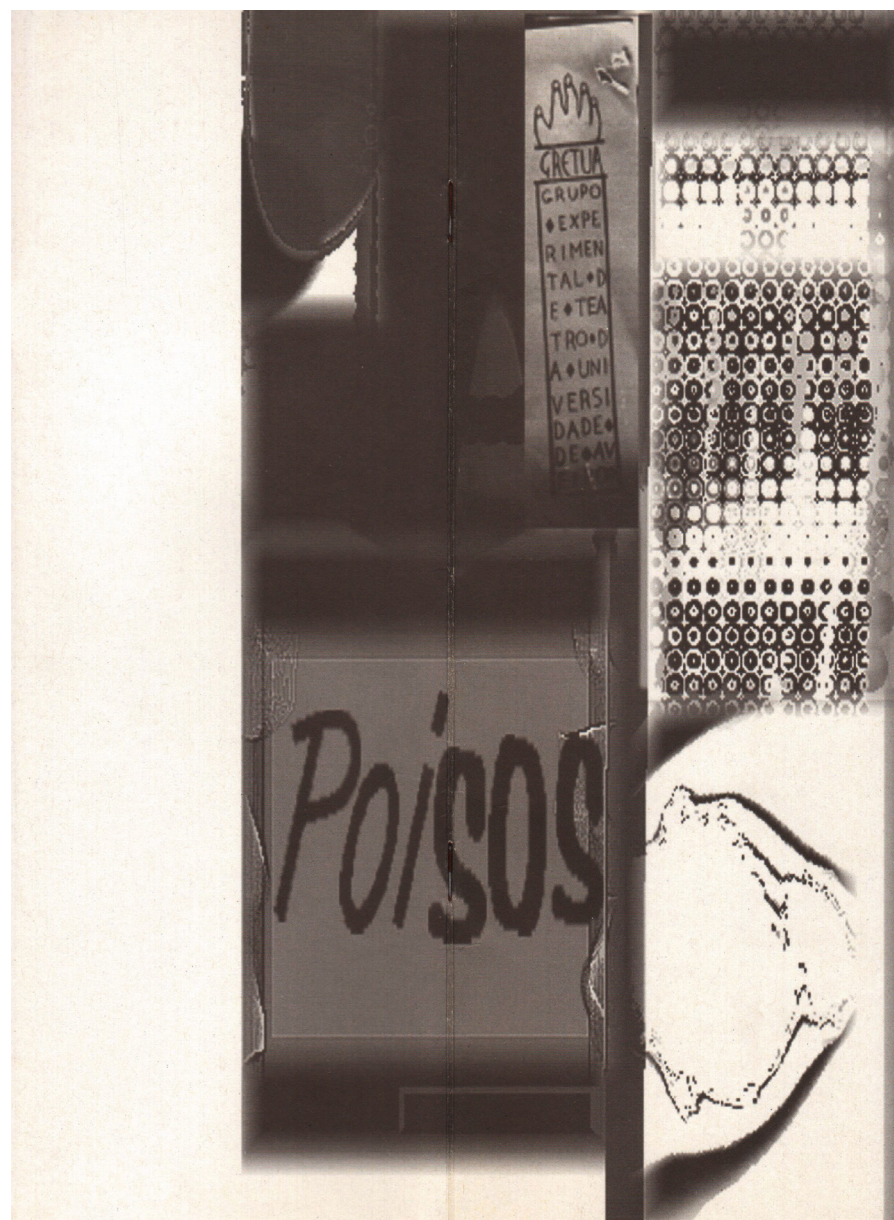


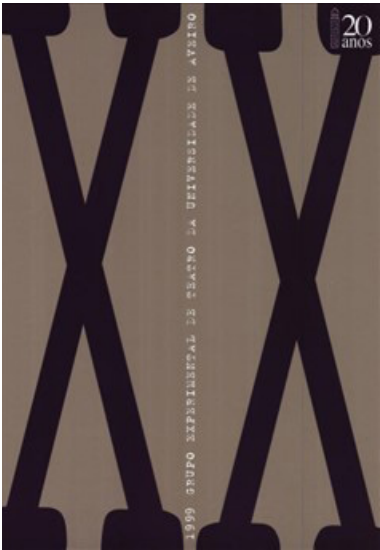
147



Cartaz para a peça teatral Ensaio da Loucura,
Aveiro, 1998
650 x 430 mm. 1 exemplar.

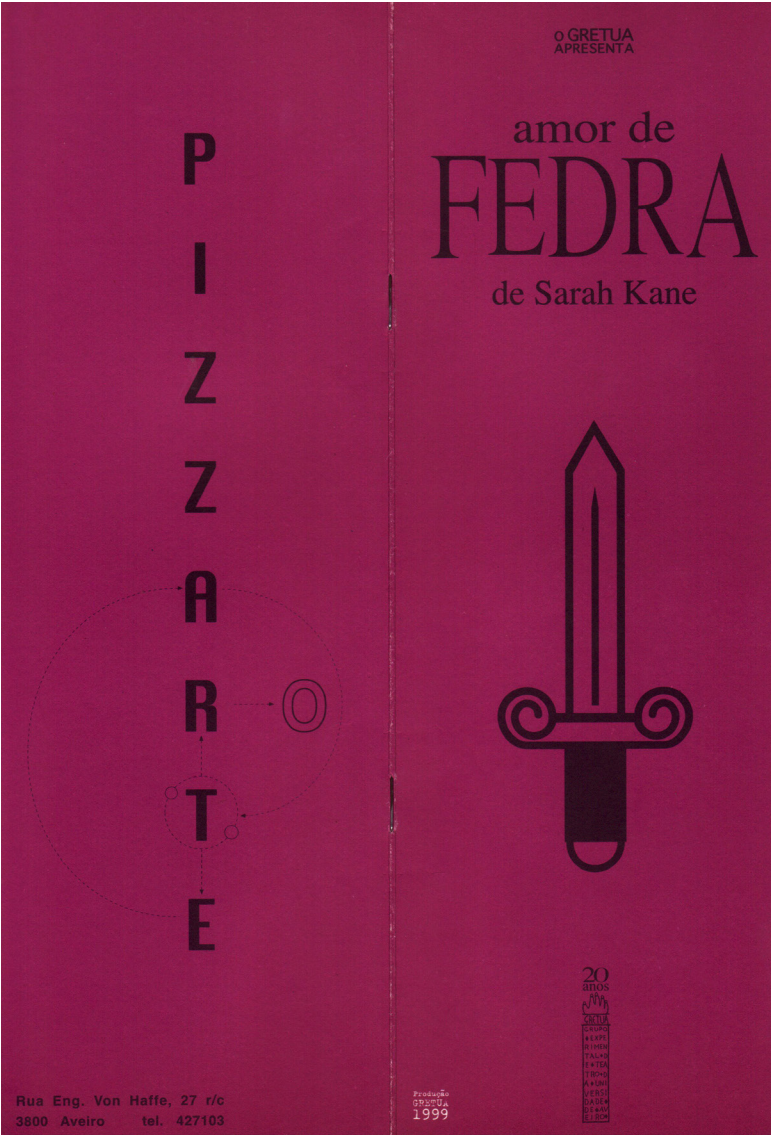
Folha de Sala para a peça teatral Poisos,
Aveiro, 1998
106 x 287 mm. 6 exemplares.

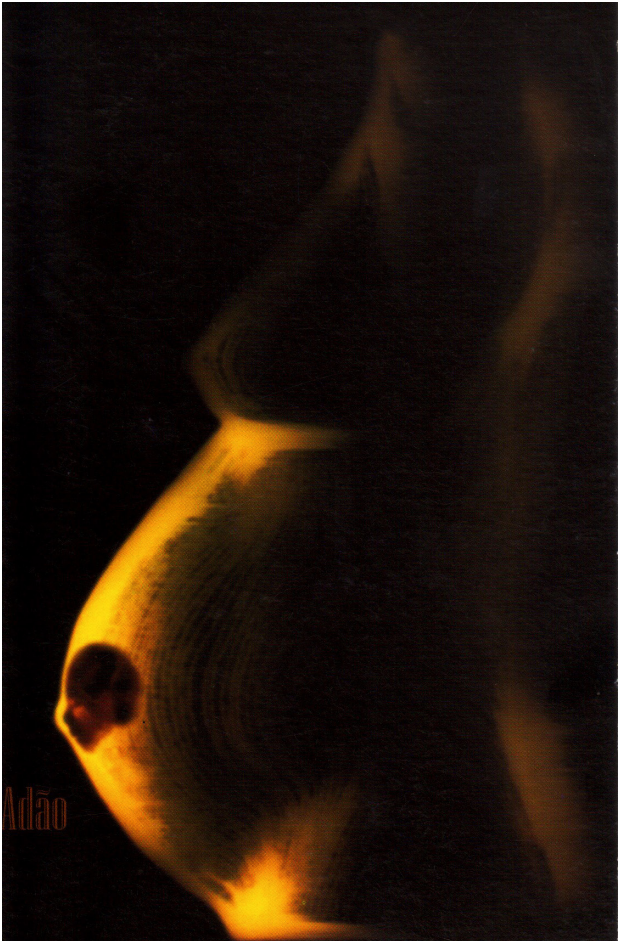




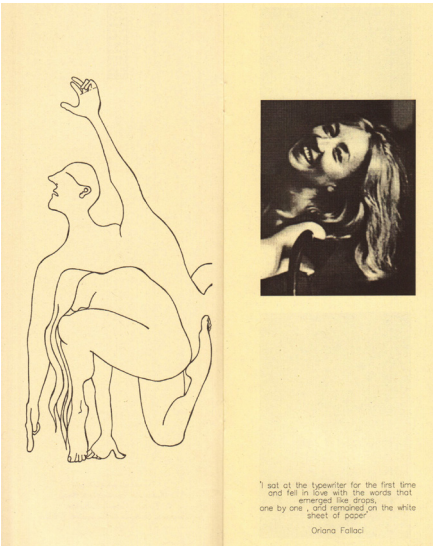
Cartaz 20 Anos GrETUA, Aveiro, 1999
690 x 480 mm. 2 exemplares.

Folha de Sala para a peça teatral Amor
de FEDRA, Aveiro, 1999
105 x 295 mm. 8 exemplares.





Flyer para a peça teatral Adão, Aveiro, 2000
97 x 150 mm. 5 exemplares.



De 2001 a 2010

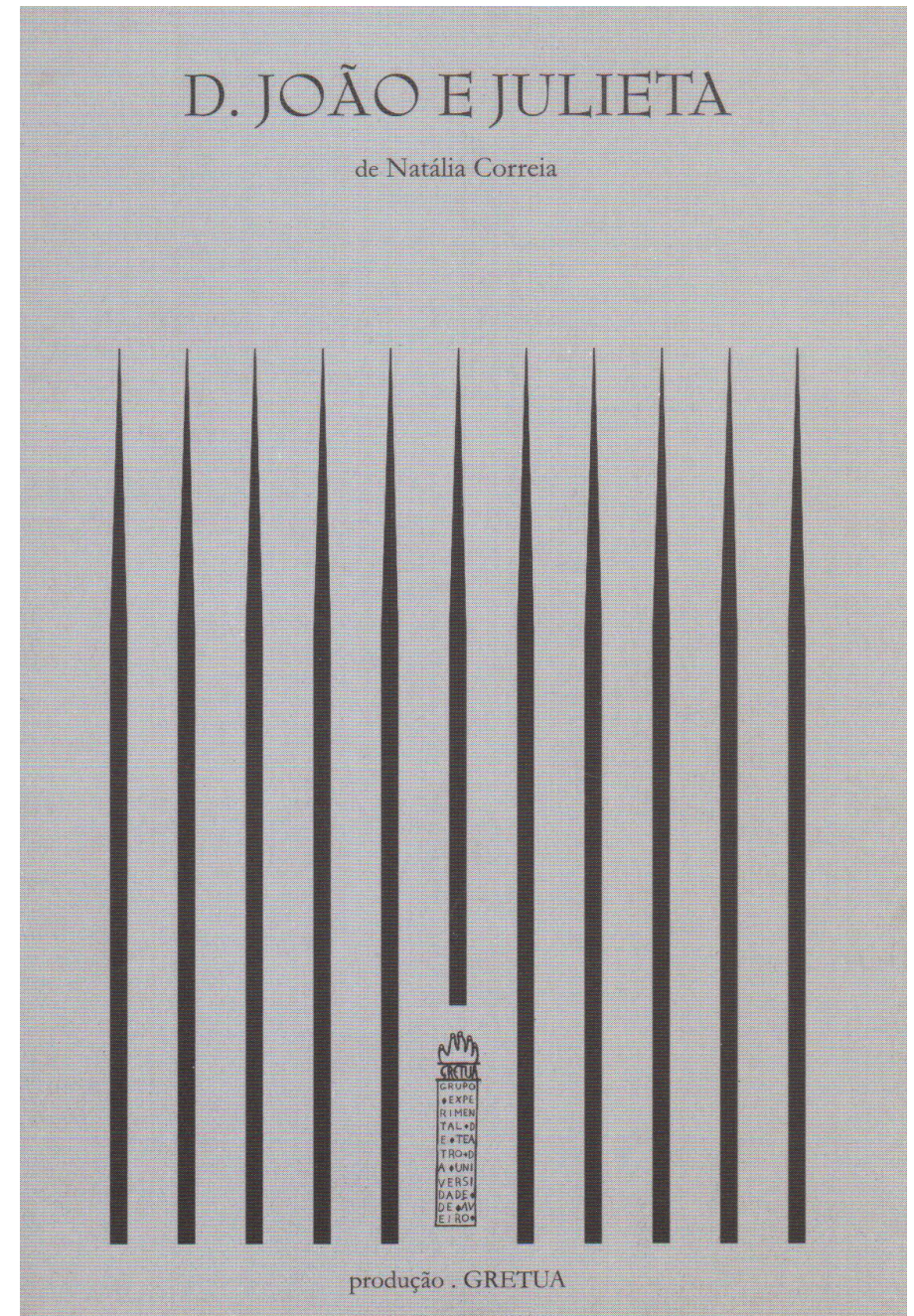
Outro exemplo bom também é que, na altura da pandemia, deixou de haver a necessidade de imprimir objetos. Começou a usar-se muito mais vídeo, as imagens ganharam todas um cariz muito mais tecnológico de alguma forma, ganharam definição, as cores tornaram-se mais vibrantes. Eu ia dá-lo como um mau exemplo ao bocado, mas acho que é um bom exemplo de como os materiais influenciam a forma de desenho no GrETUA.

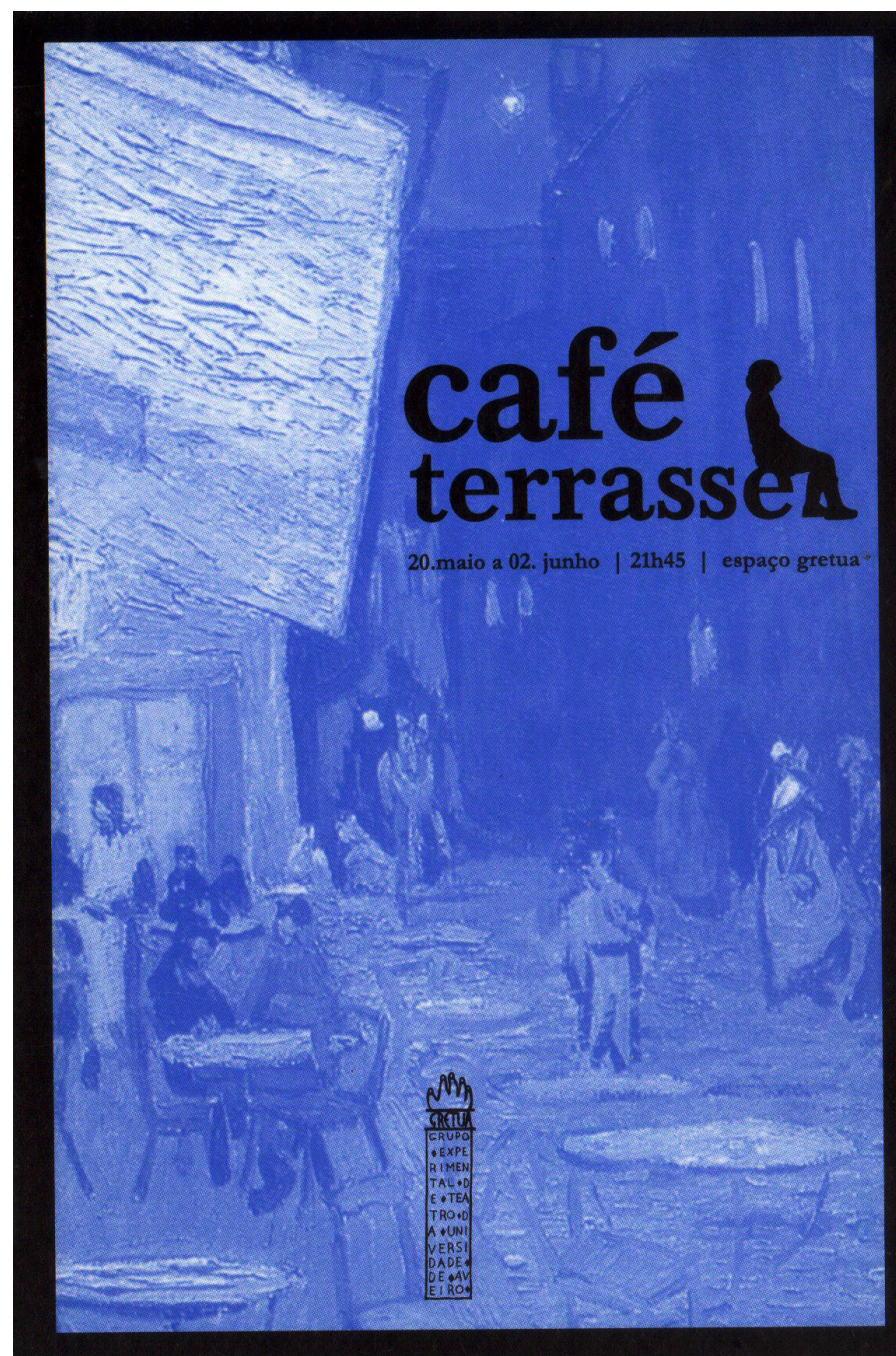
Tem sempre haver, de uma análise não muito aprofundada, com o tempo que se tem para desenvolver a comunicação de determinado trimestre. Quando o trimestre acaba a ser muito apressado acaba a ser difícil de pensar dessa forma, de quebrar o convencional que exige mais esforço e mais tempo que às vezes não existe.

Este último trimestre, para mim estando de fora e já não participando tanto no seu desenvolvimento, também me parece uma boa forma de como primeiro um conceito gera uma série de possibilidades gráficas e depois como o espaço (o próprio espaço do GrETUA) pode ser inspiração material para o desenvolvimento de material impresso. Foi particularmente bem resolvido, da forma como a parede lá dentro também.

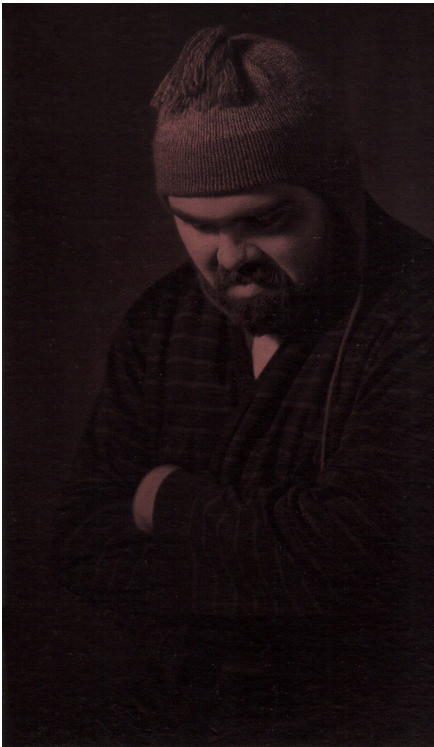
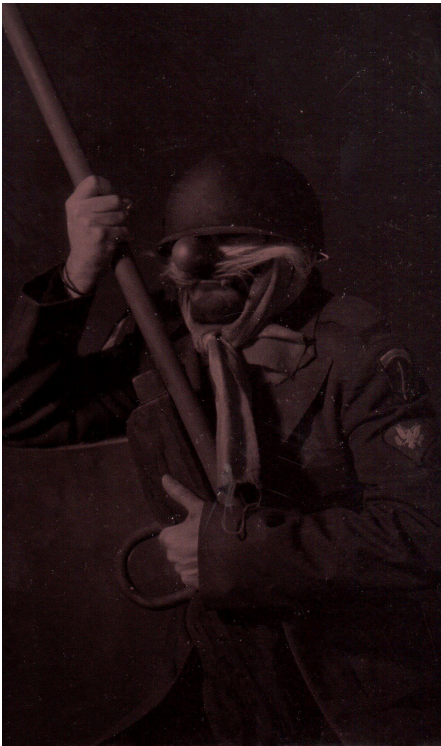
Portanto, acho que isso acontece de facto no GrETUA, mais se calhar, que nos outros sítios, por exemplo comparando com a minha experiência com o 23 Milhas em que existe um bocado esse pensamento mas está tudo muito mais...bem, como tem muita atividade constante (festivais grandes, etc.), meio que já se tem aquele conjunto de materiais que se sabe que vão ser necessários criar e trabalha-se nesse sentido, mais do que se estar a pensar em objetos específicos e depois desenhar para esses objetos.

Flyer para a peça teatral D. João e Julieta,
Aveiro, 2004
100 x 150 mm. 1 exemplar.





Flyer para a peça teatral Café Terrasse,
Aveiro, 2008
100 x 150 mm. 3 exemplares.



Flyers para a peça teatral Os Feios, Aveiro,
2008
100 x 150 mm. 50 exemplares.

De 2011 a 2020

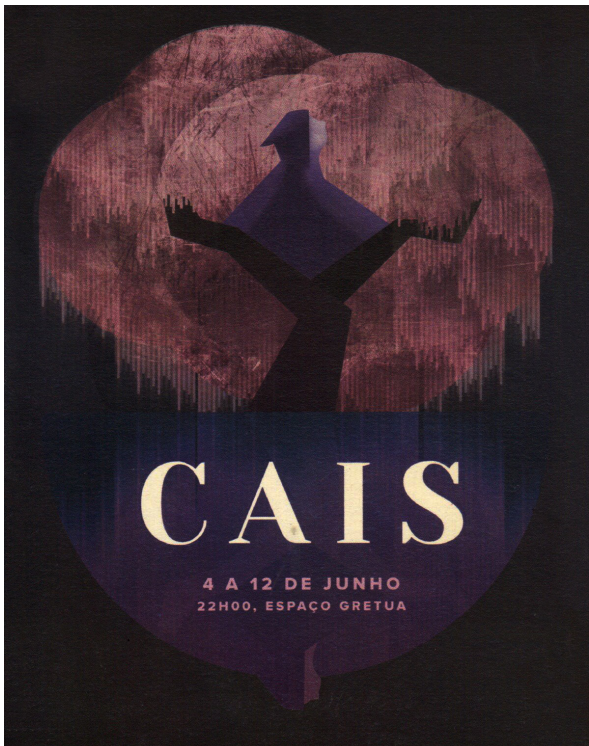
Vou tentar seguir o processo normal de criação de uma imagem gráfica no GrETUA.

Primeiro há a criação do programa de atividades que é algo que acontece à parte da equipa de Imagem. No meu caso, no momento em que eu estava mais envolvido com a equipa de Imagem do GrETUA, não acontecia tão à parte por interesses pessoais, eu ia-me envolvendo nesse processo por isso ia já alimentando ideias possíveis para criação de imagem e criação de um imaginário para aquele trimestre. Por exemplo, o HERAS, foi muito em simultâneo, foi um programa que foi conceptualizado por mim e pelo Bruno em conversa e em que já havia um pensamento forte de comunicação de materiais em concreto no próprio desenho do programa.

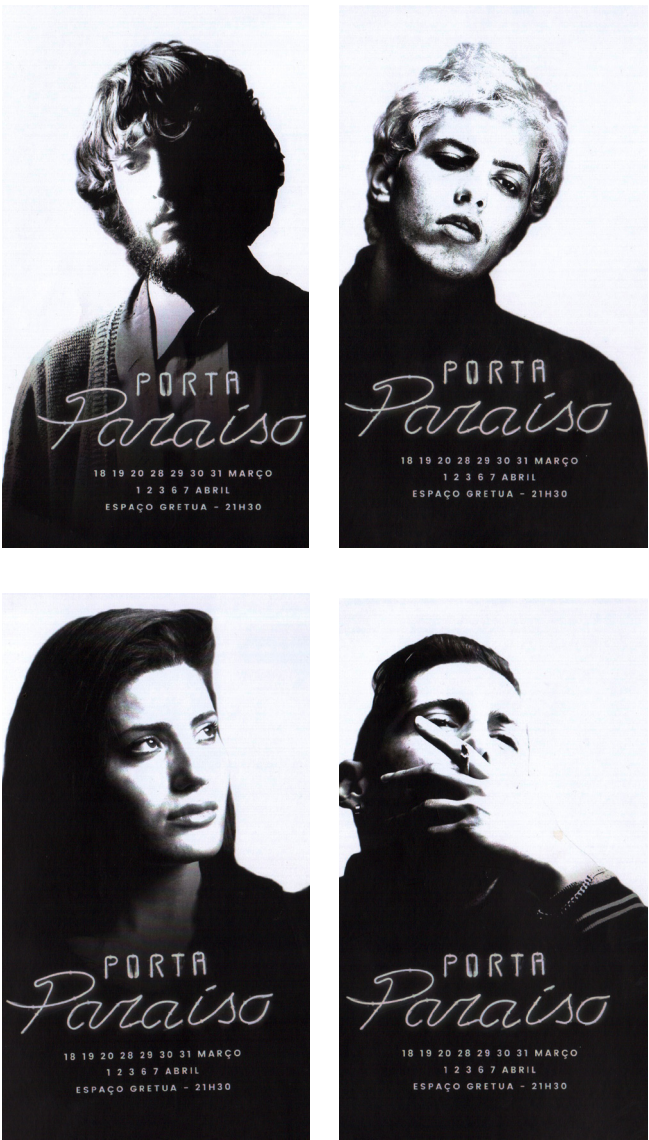
Existe esse espaço no GrETUA, é isso que estou a dizer e é super benéfico para qualquer instituição cultural pelo menos, é a que conheço melhor não posso falar de outros meios, essa ideia de que essas coisas (a comunicação, a mediação, e a programação) vão abrindo o seu processo entre todas as áreas — é benéfico, que como é óbvio a comunicação e a mediação, e mesmo o design gráfico, podem acrescentar conhecimento e propriedade. A mediação por exemplo é mais fácil de entender como a troca pode acontecer, por exemplo: tu enquanto responsável pela mediação cultural de uma associação conheces os grupos de pessoas da tua cidade, portanto podes perceber mais facilmente do que o programador que se foca somente na programação num nível mais abstrato se algo vai, ou não, funcionar a um dado momento; e a comunicação também pode ter esse tipo de relação com a programação.



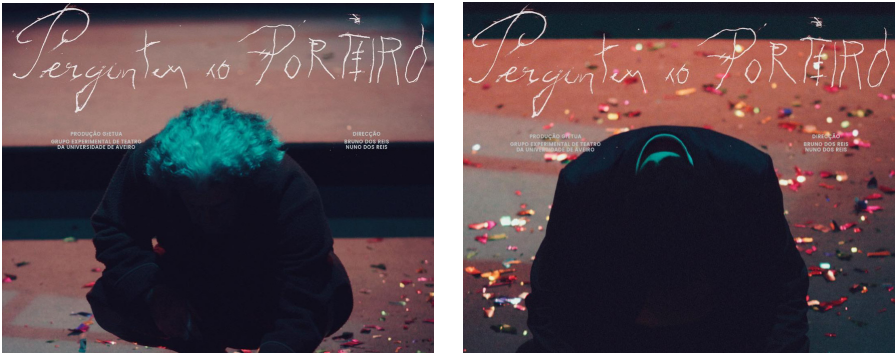
Flyer para a peça teatral Enxame, Aveiro, 2012
100 x 146 mm. 20 exemplares.



Folha de Sala para a peça teatral CAIS, Aveiro, 2016
101 x 148 mm. 40 exemplares.



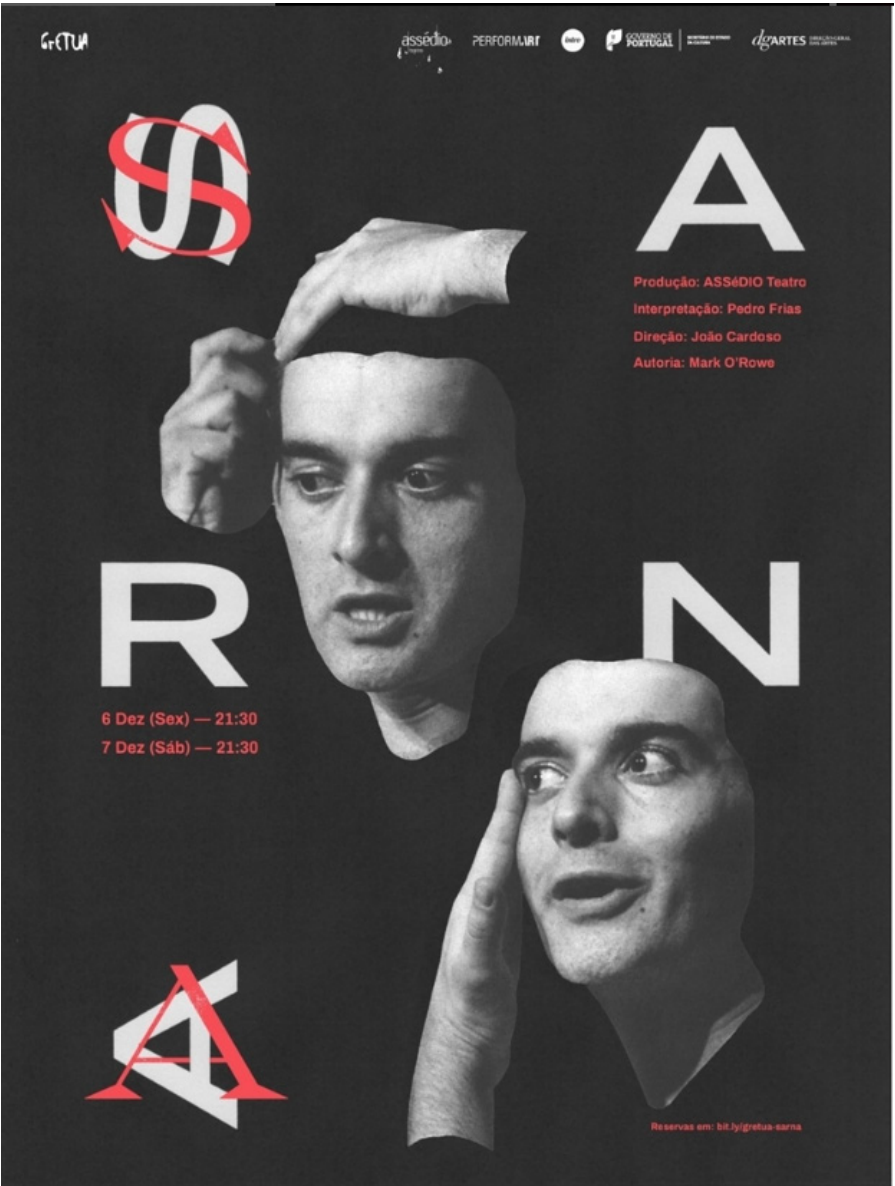
Flyers para peça teatral Porta Paraíso, 2016
105 x 148 mm. 50 exemplares.



Publicação no Instagram do GrETUA para a peça teatral Perguntem ao Porteiro, 2017
297 x 420 mm. 2 exemplares.



Perguntem ao Porteiro, 2017
297 x 420 mm. 2 exemplares.



Cartaz para a peça teatral Sarna, Aveiro, 2019
297 x 420 mm. 1 exemplar.



Capas de Evento no Facebook do GrETUA
pertencentes ao Trimestre jan—mar, 2020
820 x 312 px
166



Capas de Evento no Facebook do GrETUA
pertencentes ao Trimestre abr—jun, 2020
820 x 312 px
167

Programação Outubro – Dezembro 2020

GrETUA

DAVID BRUNO / A FÁBRICA DA MENTIRA

10 OUT. [SAB.] > 22H > MÚSICA

17 OUT. [SAB.] > 22H > CIRCO

JOVEM CONSERVADOR DE DIREITA

23 OUT. [SEX.] > 22H > MÚSICA

KENNY BERG

24 OUT. [SAB.] > 22H > STAND-UP COMEDY

31 OUT. [SAB.] > 22H > MÚSICA

ARTISTAS UNIDOS: Uma Solidão Demasiado Ruídsa

07 NOV. [SAB.] > 19H + 21H30 > TEATRO

CINE QUA NO

16 NOV. [SEG.] > 21 > CINEMA

ON: Eduardo Breda, "Boa Alma"

PALMIERS

26 NOV. [QUI.] > 21H30 > MÚSICA

RITE OF DECAY

04 DEZ. [SEX.] > 21H30 > DANÇA

JOSE VALENTE & MARTA BERNARDES

11 DEZ. [SEX.] > 21H30 > MÚSICA + POESIA

MARTA BERNARDES

PATRONATO

APÓIOS

PARCEIROS

A IDENTIDADE E A HERANÇA VISUAL: Arquivo Visual

07 NOV. [SÁB.] > 19H + 21H30
ESPETÁCULO DE TEATRO

Artistas Unidos apresentam
**UMA SOLIDÃO
DEMASIADO
RUÍDSA**

> RESERVAS > BIT.LY/SOLIDAO_GRETUA
> PRODUÇÃO > ARTISTAS UNIDOS
> O CÉU NÃO É HUMANO E
O HOMEM QUE PENSA
NEM SEQUER PODE
SER HUMANO.
> BOHUMIL HRABAL

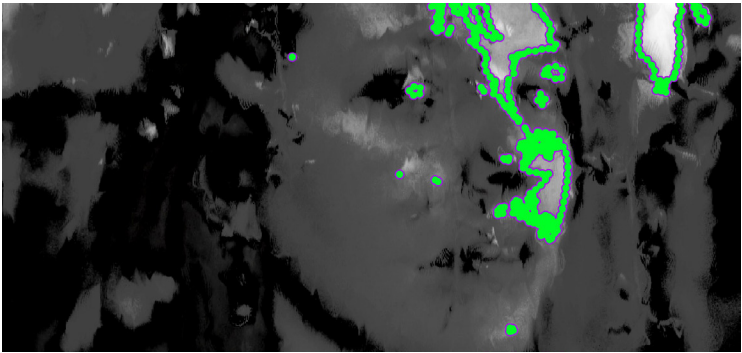
11 DEZ. [SEX.] > 21H30
CONCERTO

JOSE VALENTE
&
MARTA BERNARDES

> RESERVAS > BIT.LY/JVMB_GRETUA
> VIOLA DE ARCO > JOSÉ VALENTE
> VOZ > MARTA BERNARDES

De 2021 a 2023

Depois do programa fechado (nunca é depois, porque o programa vai-se fechando lentamente e acaba por só estar fechado exatamente quando as coisas vão para a gráfica ou para a Internet) a dada altura sente-se a necessidade de reunir as pessoas que estão responsáveis pela Imagem e nessas primeiras reuniões o que costuma acontecer é que o Bruno, enquanto Diretor Artístico, fala sobre o programa e as atividades e dá um mote programático para aquele trimestre que pode ser super variado. Esse mote, normalmente, por causa da forma de pensar do Bruno, nunca são coisas demasiado concretas, é sempre poético e que normalmente parte de concepções sociais que ele nota que está a acontecer a um dado momento na universidade ou na cidade e de como o GrETUA se relaciona sobre isso. A Imagem normalmente partindo dos interesses das pessoas que estão a trabalhar naquele momento, reúne uma série de referências e de formas de trabalhar que estejam particularmente à flor da pele nesse momento e começa a testar ideias. Nunca, pelo menos nos momentos em que participei mais nesse processo, houve um conjugar muito complexo de várias ideias, sempre acabou por haver uma ideia que se sobrepôs às outras e acaba por ser adotada por toda a gente e a partir dela começa-se a desenvolver (normalmente em muito pouco tempo) aquilo que acaba por ser a Imagem e as declinações dos vários materiais.



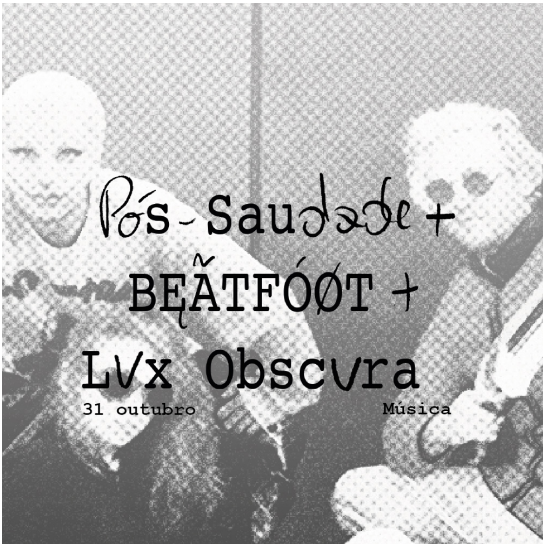
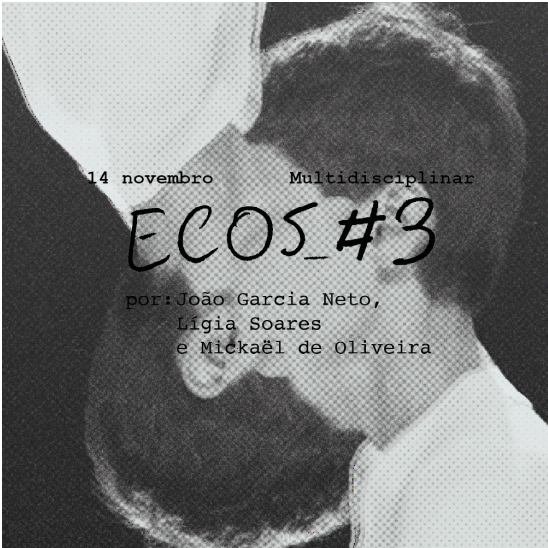
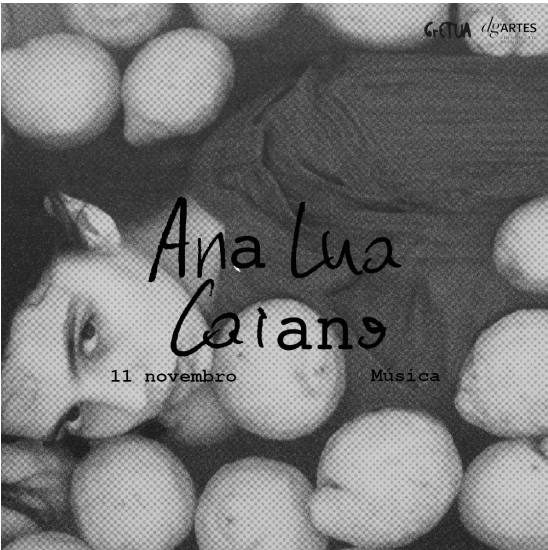
Capas de Evento no Facebook do GrETUA
pertencente ao Trimestre jan—mar, 2021
820 x 312 px



Capas de Evento no Facebook do GrETUA
pertencente ao Trimestre abr–jun, 2021
820 x 312 px
172

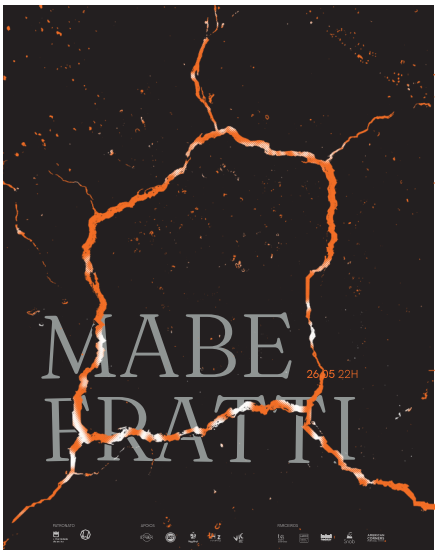
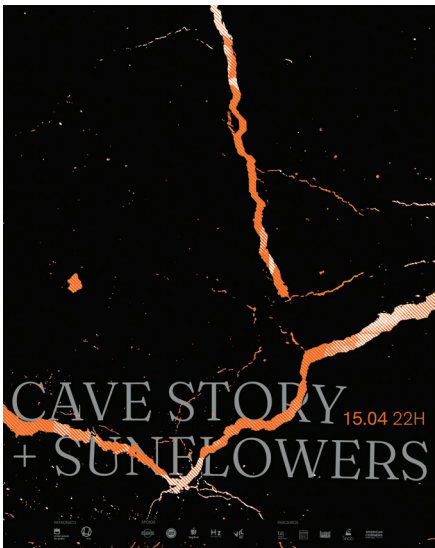


Cartaz Mensal do Quadrimestre abr–jul, 2022
420 x 594 mm. 8 exemplares



Publicação no Instagram do GrETUA
pertencente ao espetáculo de dança Simulacro
no Trimestre jan—mar, 2023

Publicações no Instagram do GrETUA
pertencentes ao Trimestre set—dez, 2022



Cartazes de eventos pertencentes ao Trimestre abr_jun, 2023
420 x 594 mm. 8 exemplares.

Fios de Cultura: Explorando as associações culturais portuguesas trata-se de uma coleção dedicada às Associações Culturais portuguesas. Cada volume está dedicado a uma Associação diferente, onde apresenta a sua história, identidade e herança visual, apresentando o seu impacto social no país com o intuito de as promover e convidar a comunidade à reaproximação a esses grupos.

Concepção Editorial: Beatriz Fernandes

Investigação: Beatriz Fernandes

Textos: Bruno dos Reis; João Coutinho, Lewis Carroll, Marguerite Duras

Revisão de textos: Bruno dos Reis

Fotografia: Arquivo GrETUA; Carlos Teixeira; Ivo Martins; Joana Magalhães; João Coutinho; João Nunes; Maria Inês Almeida; Pedro Sottomayor; Teresa Queirós;

Design Gráfico: Beatriz Fernandes

Impressão e Acabamento: GRÁFICA X

Tipos: Helvetiva; Redaction;

Papel: XXXXX

Tiragem: 200

ISBN: ISBN XXX–XXX–XXXX–XX–X

Depósito-Legal: XXXXXX/XX

Agradecimentos:

- GrETUA, pelo acesso ao seu arquivo de materiais gráficos e fotográficos
- Bruno dos Reis



O GrETUA, o Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro, trata-se de um grupo associativo localizado no campus universitário da cidade de Aveiro. Fundado em 1979 por um grupo de estudantes tem vindo a levar à cena mais de cinquenta produções teatrais, realizado dezenas de cursos de formação e apresenta uma vasta programação multidisciplinar agendada trimestralmente atualmente.

